

Nicholas Sparks

Uma Promessa Para Toda a Vida



A vida de Miles Ryan poderia ter acabado no dia em que mataram a sua mulher, dois anos antes, num acidente de viação. Missy, o seu primeiro e último amor, namorada de liceu, esposa e mãe de Jonah, seu único filho, tinha sido morta e o seu assassino fugido do local do crime. Como marido saudoso e homem apaixonado chora a morte da mulher amada, mas como Xerife de New Bern, na Carolina do Norte, vive obcecado pela injustiça do condutor assassino não ter sido capturado e punido. Sarah Andrews é professora primária, em fuga de Baltimore, de um casamento desastroso e de um divórcio problemático. Pensou encontrar na pacífica cidade de New Bern uma oportunidade para o início de uma nova vida. Foram as suas próprias feridas, ainda a sarar, que a tornaram sensível à mágoa e dor que logo notou nos tristes olhos de Jonah, seu aluno, e depois nos de Miles. Sentindo que esta poderia ser a última chance de viverem e de serem felizes, Sarah e Miles procuram começar de novo. E pela primeira vez em anos irão novamente rir e amar. Uma vez apanhados numa relação amorosa serão forçados a reavaliar o significado das suas vidas: Miles terá que superar o drama de ter perdido a mulher que amava e Sarah terá que revelar um segredo que os une, mas que poderá separá-los para sempre.

Prólogo

Onde é que uma história começa verdadeiramente? Na vida, não abundam os começos bem definidos, os momentos em que se pode dizer que tudo começou quando os recordamos. Contudo, há ocasiões em que o destino cruza a nossa vida, desencadeando uma sequência de acontecimentos cujo resultado nunca poderíamos ter previsto.

Estou acordado, devem ser 2 horas da manhã. Depois de me ter arrastado para a cama, de ter andado aos saltos e às voltas durante quase uma hora, acabei por desistir de dormir. Agora estou sentado à secretária, de caneta na mão, a tentar alinhar umas ideias acerca do meu próprio encontro com o destino. Nada que não tenha acontecido antes. Dá a impressão de que nos últimos tempos não tenho conseguido pensar em mais nada.

A casa está silenciosa, só se ouve o tiquetique compassado do relógio que está numa das prateleiras da estante. A minha mulher está no andar de cima, a dormir, e eu não tiro os olhos do bloco de folhas amarelas, apercebendo-me agora de que não sei por onde

começar. Não é que tenha dúvidas acerca da minha história mas, em primeiro lugar, não percebo porque é que me sinto compelido a contá-la. Qual a utilidade de desenterrar o passado? Afinal, os acontecimentos que pretendo descrever aconteceram há treze anos, mas até se poderá dizer que tudo começou dois longos anos antes disso. Mas, aqui sentado, sinto que tenho de tentar dizer o que se passou e, mesmo que não encontre melhores razões, para conseguir pôr tudo para trás das costas.

Há umas quantas coisas que me ajudam na recordação deste período: o diário que mantinha desde criança, uma pasta com artigos de jornais, a minha própria investigação e, certamente, os registos oficiais. Há ainda o facto de eu ter recordado mentalmente, centenas de vezes, todos os passos

desta história; tenho tudo gravado na memória. Mas, baseada apenas nesses factos, esta história ficaria incompleta. Houve outras pessoas envolvidas, e embora eu tivesse testemunhado alguns dos acontecimentos, não estive presente em todos. Compreendo que é impossível recriar cada sensação, cada pensamento da vida de outra pessoa mas, para o melhor e para o pior, é isso mesmo que vou tentar fazer.

Esta é, acima de tudo, uma história de amor e, como já aconteceu com muitas histórias do género, a história de amor entre Miles Ryan e Sarah Andrews assenta numa tragédia. Não deixa também de ser uma história de perdão e espero que os leitores, depois de a lerem até ao fim, se apercebam das dificuldades que Miles Ryan e Sarah Andrews tiveram de enfrentar. Espero que compreendam as decisões que eles tomaram, as boas e as más, tal como espero que acabem por entender as minhas.

Porém, para deixar as coisas claras, direi que não se trata apenas da história de Sarah Andrews e Miles Ryan. Se esta história tem um começo, teremos de falar de Missy Ryan, que na escola secundária foi namorada de um ajudante do xerife de uma pequena cidade do Sul.

Missy Ryan, tal como o marido, Miles, foi criada em Neiv Bern. Na opinião das pessoas, ela era atraente e simpática; durante toda a sua vida de adulto, Miles nunca deixara de a amar. Missy Ryan tinha cabelo castanho-escuro e olhos ainda mais escuros, e disseram-me que falava com um sotaque que fazia tremer os joelhos dos homens de outras partes do país. Ria com facilidade, era boa ouvinte e tinha um tique que a levava muitas vezes a agarrar o braço da pessoa com quem estava a falar, como que a convidá-la para ser parte do seu mundo. E, como sucede com a maioria das mulheres do Sul, a sua vontade era mais forte do que parecia à primeira vista. Era ela, e não Miles, quem dirigia a casa; em regra, os amigos de

Miles eram os maridos das amigas de Missy e a vida do casal girava à volta da família de ambos.

Missy dirigia a claque da escola secundária. No segundo ano, já era popular e adorável e, embora conhecesse Miles, este era um ano mais velho e nunca tiveram aulas juntos. Não teve importância. Apresentados por amigos, passaram a estar juntos durante os intervalos, a falar dos jogos de futebol, ou a combinar encontros durante os fins-de-semana. Não tardou que se tornassem inseparáveis e, meses depois, aquando da realização do baile da escola, estavam apaixonados.

Sei que muita gente faz chacota destes namoros juvenis, não os considerando fruto de um verdadeiro amor. Mas, no caso de Miles e Missy, o amor existia e, em muitos aspectos, era bem mais forte do que o amor experimentado por pessoas de mais idade, pois ainda não tinha sido condicionado pelas realidades da vida. Namoraram os anos que faltavam para Miles terminar o secundário; permaneceram fiéis um ao outro, mesmo quando ele saiu da terra para frequentar a universidade estadual da Carolina do Norte e Missy também se aproximava do final do curso. No ano seguinte, juntou-se a ele na universidade e quando, três anos mais tarde, Miles lhe

propôs casamento durante um jantar, ela chorou, disse que sim e passou a hora seguinte ao telefone, a dar a boa-nova à família, enquanto o noivo ficou sozinho a terminar a refeição. Miles deixou-se ficar em Raleigh até Missy completar o curso. O casamento, em New Bern, encheu a igreja.

Missy empregou-se no departamento de crédito do Wachovia Bank e Miles começou a formação para o lugar de ajudante do xerife. Missy estava grávida de dois meses quando Miles começou a trabalhar no distrito de Cravem a patrulhar as ruas da terra onde ambos tinham crescido. Compraram a primeira casa, como muitos outros jovens casais e, em janeiro de 1981, quando nasceu o primeiro filho, Jonah, Missy olhou o recém-nascido e decidiu que ser mãe era a melhor coisa que lhe sucedera até então. Embora Jonah não dormisse durante a noite até aos 6 meses, e houvesse alturas em que Missy desejaria gritar-lhe como ele gritava, ela amava o filho mais do que alguma vez julgara ser possível.

Era uma mãe maravilhosa. Deixou o emprego para dedicar todo o seu tempo a Jonah, lia-lhe histórias, brincava com ele e levava-o a brincar com outras crianças. Podia ficar horas a observá-lo, sem fazer mais nada. Quando ele chegou aos 5 anos, Missy percebeu que

desejava outro filho, pelo que ela e Miles recomeçaram as tentativas. Os sete anos que levavam de casados tinham sido os mais felizes das suas vidas.

Porém, em Agosto de 1986, quando tinha 29 anos de idade, Missy Ryan morreu.

A sua morte roubou o brilho aos olhos de Jonah; perseguiu Miles durante dois anos. Abriu o caminho a tudo o que viria a seguir.

Por isso, como eu disse, esta é a história de Missy, sem deixar de ser a história de Miles e de Sarah. E também a minha história.

É que eu também tive o meu papel em tudo o que aconteceu.

1

Na manhã de 29 de Agosto de 1988, pouco mais de dois anos depois da morte da mulher, Miles Ryan estava no alpendre da sua casa, a fumar um cigarro e a observar como o Sol nascente estava a mudar a cor do céu, de cinzento-escuro para cor de laranja. O rio Trent estendia-se à sua frente, com as águas sujas parcialmente encobertas pelos ciprestes alinhados ao longo das margens.

O fumo do cigarro de Miles volteava para cima e ele sentia a humidade a aumentar, a tornar o ar mais espesso. Chegada a altura, os pássaros começaram os trinados matinais, os seus assobios agudos encheram o ar. Passou um pequeno barco de pesca, o pescador acenou a Miles e este retribuiu com um ligeiro aceno de cabeça. Parecia-lhe não ter energia para mais.

Precisava de um café. Um pouco de cafeína e sentir-se-ia pronto a enfrentar o dia - levar Jonah à escola, manter a rédea curta aos habitantes que infringiam a lei, colocar ordens de despejo por todo o distrito, bem como resolver todos os problemas que não deixariam de acontecer, como o encontro com a professora de Jonah, marcado para o fim da tarde. E isto era apenas o princípio. Se assim se podia dizer, os finais de dia eram ainda mais trabalhosos. Só para manter a casa a funcionar sem sobressaltos havia inúmeras tarefas que exigiam atenção constante: contas a pagar, coisas a comprar, limpezas a fazer, reparações por toda a casa. Mesmo nos raros momentos em que parecia dispor de um pouco de tempo, Miles

sentia que era melhor aproveitá-lo de imediato para não deixar fugir a oportunidade. Depressa, arranja qualquer coisa para leres.

Despacha-te, tens apenas uns minutos de descanso. Fecha os olhos, o tempo de que dispões escoá-se rapidamente. Uma vida capaz de esgotar qualquer pessoa em pouco tempo; mas o que é que ele podia fazer?

Estava mesmo a precisar de um café. A nicotina já tinha deixado de fazer efeito, pensou deitar o cigarro fora, mas decidiu que tanto fazia fumá-lo como não. No fundo, não era um verdadeiro fumador. É verdade que fumava alguns cigarros durante o dia, mas não se tratava de um verdadeiro vício de fumar. Não era o mesmo que queimar um maço por dia, nem era o mesmo que fazê-lo desde há muito tempo; tinha começado depois da morte de Missy e podia parar sempre que quisesse. Mas, para quê preocupar-se? Que diabo, tinha os pulmões em bom estado - ainda na semana anterior tivera de correr atrás de um ladrão de lojas e não tinha sentido qualquer dificuldade para agarrar o miúdo. Um verdadeiro fumador não o poderia ter feito.

Mesmo assim, não fora tão fácil como quando tinha 22 anos. Mas tinham passado dez anos e, embora aos 32 ainda fosse muito cedo para começar à procura de uma casa de repouso, ele estava a envelhecer. E sentia a passagem dos anos - quantas vezes, ele e os colegas da faculdade começavam o serão por volta das 11 horas e conseguiam prosseguir-lo durante toda a noite. Nos anos mais recentes, a menos que estivesse a trabalhar, às 11 horas já era tarde e ia para a cama, mesmo que não tivesse sono. Não conseguia imaginar nenhuma situação que o levasse a querer ficar a pé. A exaustão tinha-se tornado uma constante da sua vida. Mesmo nas noites em que Jonah não tinha pesadelos - e tinha-os com certa regularidade desde que Missy morreu - Miles acordava a sentir-se... cansado. Desconcentrado. Lento, como se caminhasse debaixo de água. Na maioria das vezes atribuía o cansaço à vida movimentada que tinha; mas havia momentos em que perguntava a si próprio se não haveria algo de mais complicado. Tinha lido algures que um dos sintomas da depressão era uma «profunda letargia, sem razão ou causa». O certo é que ele conhecia a causa...

De facto, ele estava a precisar de passar um tempo descansado, numa casa pequena de frente para o mar, em qualquer praia de Key West, num lugar onde pudesse pescar uns rodovalhos ou simples-

mente descansar numa rede de baloiço, a beber uma cerveja bem fresca, sem ter de tomar decisões mais sérias do que escolher entre calçar sandálias ou ir descalço para a praia, com uma mulher bonita a fazer-lhe companhia.

Essa era uma parte do problema. Solidão. Estava cansado de viver só, de acordar numa cama vazia, embora a sensação continuasse a surpreendê-lo. Era uma sensação recente. No ano que se seguira à morte de Missy nem conseguia encarar a hipótese de vir a amar outra mulher. Nunca mais. Era como se não sentisse qualquer necessidade de ter companhia feminina, como se o desejo, o prazer e o amor fossem meras possibilidades teóricas sem qualquer impacto no mundo real. Mesmo quando o choque e o desgosto diminuíram a ponto de não o fazerem chorar todas as noites, continuou a pensar que na sua vida havia qualquer coisa que não batia certo - como se tivesse saído por momentos da pista e esperasse voltar a encontrá-la dentro de pouco, não havendo, portanto, nenhuma necessidade de se preocupar demasiado.

Afinal, poucas coisas se tinham alterado depois do funeral. As facturas continuaram a chegar, Jonah necessitava de comer, a relva tinha de ser aparada. Continuava a ter um emprego. Uma vez, depois de beberem demasiadas cervejas, Charlie, o seu melhor amigo e seu chefe, tinha-lhe perguntado o que significava ficar sem a mulher; respondera-lhe que não sentia que Missy tivesse desaparecido para sempre. Parecia-lhe que fora passar o fim-de-semana com uma amiga e o tinha encarregado de tratar do Jonah, enquanto estivesse fora.

Os meses passaram e o mesmo acabou por acontecer com o torpor a que se tinha habituado. A dormência foi substituída pelo peso da realidade. Por mais que tentasse seguir em frente, Miles não conseguia deixar de pensar em Missy. Tudo lhe parecia recordá-la. Especialmente Jonah, que ficava mais parecido com ela à medida que ia crescendo. Por vezes, encostado à porta depois de trazer Jonah para casa, ficava a ver as feições da mulher nos traços finos das faces do filho e tinha de voltar a cara para que ele não lhe visse as lágrimas. Mas a imagem não desaparecia durante horas; sempre adorara a imagem de Missy adormecida, os longos cabelos castanhos espalhados pela almofada, com um braço sempre apoiado por

cima da cabeça, os lábios ligeiramente abertos, o subtil subir e descer do peito, provocado pela respiração. E o cheiro dela - algo que Miles nunca poderia esquecer. No primeiro dia de Natal depois da morte de Missy, sentado na igreja durante a missa, apercebeu-se de um vestígio do perfume que ela usava e ficou preso a essa sensação, como um náufrago que se agarra a uma tábua, até muito depois de a missa acabar.

Havia outras coisas a que se sentia apegado. No princípio da vida de casados, eles gostavam de almoçar no Fred & Clara, um restaurante pequeno, na vizinhança do banco onde Missy trabalhava. Ficava afastado do centro, sossegado, o acolhimento caloroso fazia-os

sentir que nada mudaria entre eles, nunca. Quase não voltaram lá depois do nascimento de Jonah, mas Miles voltou a frequentá-lo depois da morte da mulher, como se esperasse encontrar vestígios daqueles sentimentos ainda embebidos nos painéis de madeira das paredes. Em casa, continuou a fazer as coisas da maneira como ela as costumava fazer. Como Missy gostava de comprar os artigos de mercearia à quinta-feira, Miles continuou a comprá-los nesse dia. Como Missy gostava de cultivar tomates à volta da casa, Miles também os cultivava. Missy usava sempre o mesmo detergente para a cozinha, pelo que ele não viu razão nenhuma para usar qualquer outro produto. Missy continuava sempre presente, em tudo o que ele fazia.

Mas, num qualquer momento da última Primavera, o sentimento começou a modificar-se. A modificação aconteceu sem aviso e Miles sentiu-a logo que ela apareceu. Ao passar pela baixa, de carro, deu consigo a observar um casal jovem, que caminhava de mãos dadas pelo passeio. E, por momentos, Miles imaginou que o homem era ele, e que a mulher ia com ele. Ou, se não era ela, podia ser alguém... alguém que o amasse, a ele e a Jonah. Alguém que o pudesse fazer rir, alguém que partilhasse uma garrafa de vinho com ele, durante uma refeição descansada, alguém a quem abraçar e tocar, com quem falar em murmúrios depois de as luzes terem sido apagadas. Alguém como a Missy, pensou, e imediatamente a imagem dela lhe provocou sentimentos de culpa e de traição, tão fortes que o levaram a varrer da mente o jovem casal, para sempre.

Foi o que pensou.

Nessa noite, logo depois de se ter deitado, deu consigo a pensar neles de novo. E, mesmo que os sentimentos de culpa e de traição continuassem presentes, tinham perdido muita da força que haviam revelado horas antes. Miles soube que, a partir daquele momento, tinha dado o primeiro passo, por pequeno que fosse, para, finalmente, ultrapassar a desgraça que o atingira.

Começou por encontrar justificações para a nova realidade, a dizer a si mesmo que era viúvo, que tais pensamentos não tinham nada de mal, que sabia que toda a gente concordaria que ele os tivesse. Ninguém esperava que ele fosse passar o resto da vida sem companhia; nos últimos meses alguns amigos tinham chegado ao ponto de lhe proporcionar encontros com mulheres. Além disso, sabia que Missy gostaria de vê-lo novamente casado. Tinha-lo dito mais do que uma vez, pois, como acontece com muitos casais, também eles se tinham entretido com o jogo do «que aconteceria se» e, embora nenhum deles tivesse encarado a hipótese de uma desgraça, ambos tinham concordado que não seria correcto que

Jonah fosse criado só por um dos pais. Não seria correcto para o cônjuge sobrevivente. De qualquer maneira, parecia-lhe ser ainda muito cedo para resolver a questão.

Com o decorrer do Verão, a ideia de encontrar alguém começou a manifestar-se com maior frequência e com intensidade redobrada. Missy continuava presente. Missy continuaria sempre presente... mas Miles começou a pensar mais seriamente em procurar uma mulher com quem pudesse partilhar a vida. De noite, já tarde, enquanto confortava Jonah na cama de baloiço colocada nas traseiras - parecia ser a única coisa que o ajudava a afastar os pesadelos aqueles sentimentos pareciam ter mais força e seguiam sempre o mesmo padrão. O provavelmente podia encontrar alguém mudava para provavelmente encontraria alguém; acabava por se tornar provavelmente devia procurar. Contudo, chegado a este ponto - por mais que desejasse que as coisas se passassem de maneira diferente - os pensamentos regressavam a um provavelmente não vai acontecer.

A razão estava no quarto de dormir.

Na sua mesa-de-cabeceira, num grosso sobrescrito, estava o processo sobre a morte de Missy, uma cópia que fizera para si próprio nos meses que se seguiram ao funeral da esposa. Tinha-o

consigo para não se esquecer do que tinha acontecido, guardava-o para se recordar do trabalho que ainda tinha a fazer.

Guardava-o para se recordar do seu fracasso.

Minutos mais tarde, depois de apagar a beata no corrimão do alpendre e de ir para dentro de casa, Miles estava a saborear o café de que precisava e a encaminhar-se para o quarto do filho. Jonah ainda dormia quando ele abriu a porta e ficou a observá-lo. Ótimo, ainda dispunha de algum tempo. Encaminhou-se para a casa de banho.

Aberta a torneira, o chuveiro gemeu e soprou por um momento, antes de a água jorrar, finalmente. Tomou o duche, barbeou-se e lavou os dentes. Passou uma escova pelo cabelo, notando outra vez que lhe parecia ter menos cabelo do que antes. Enfiou à pressa o uniforme de polícia; pegou no coldre, guardado no armário fechado que estava acima da porta do quarto e colocou-o no cinturão. Do corredor, sentiu Jonah mexer-se. Desta vez, o filho olhou-o com olhos inchados, logo que Miles entrou no quarto. Continuava sentado na cama, com os cabelos desalinados. Não estava acordado há muitos minutos.

Miles sorriu. - Bom-dia, campeão.

Sentado na cama, Jonah olhou para cima, como num filme em câmara lenta. -
Olá, papá.

- Pronto para o pequeno-almoço?

O miúdo esticou os braços, gemendo ligeiramente. - Posso comer panquecas?

- E se forem torradas? Estamos um bocado atrasados.

Jonah dobrou-se para apanhar as calças. Miles tinha-as estendido na véspera, à noite. - Dizes isso todas as manhãs.

Miles encolheu os ombros. - Tu atrasas-te todas as manhãs.

- Então acorda-me mais cedo.

- Tenho uma ideia melhor. Passas a ir para a cama quando eu te mandar.

- Nessa altura não estou cansado. Só estou cansado pela manhã.

- Já somos dois.

- Há?

- Deixa - respondeu Miles. Apontou para a casa de banho. - Não te esqueças de te penteares com a escova depois de estares vestido.

- Não me esqueço - respondeu Jonah.

Era esta a rotina, quase todas as manhãs. Colocou as fatias de pão na torradeira e encheu outra chávena de café. Quando Jonah apareceu na cozinha, já vestido, tinha a torrada à sua espera no prato, com um copo de leite ao lado. Miles já a tinha barrado de manteiga, mas Jonah gostava de ser ele mesmo a acrescentar o doce. Miles concentrou-se na sua própria torrada e, durante um bocado, nenhum deles falou. Jonah parecia continuar no seu pequeno mundo, e embora Miles necessitasse de conversar com o filho, resolveu dar-lhe mais algum tempo para que ficasse bem acordado.

Finalmente, depois de uns minutos de silêncio cúmplice, Miles clareou a garganta.

- Então, como vai a escola? - perguntou.

Jonah encolheu os ombros. - Vai bem, penso.

A pergunta também fazia parte da rotina. Miles perguntava sempre como ia a escola; Jonah respondia sempre que estava tudo bem. Mas, naquela manhã, ao aprontar a mochila do filho, Miles tinha encontrado um bilhete da professora, a perguntar-lhe se podiam conversar nessa tarde. Algo no modo como estava redigido o recado tinha deixado nele a sensação de que não se tratava de uma conversa típica entre pai e professora, que desta vez era algo de mais grave.

- Estás a ir bem na aula?

Jonah acenou que sim. - Uh-Uh.

- Gostas da professora?

Jonah acenou que sim, sem deixar de mastigar. - Uh-Uh respondeu de novo.

Miles ficou a ver se o filho dizia mais qualquer coisa, mas ele calou-se. Inclinou-se um pouco mais para ele.

- Então por que é que não disseste nada sobre o bilhete que a professora te mandou trazer para casa?

- Qual bilhete? - perguntou, com ar inocente.

- O bilhete que estava na tua mochila, o que a professora queria que eu lesse.

Jonah voltou a não se dar por achado, levantava e baixava os ombros como as torradas na torradeira. - Acho que me esqueci.

- Como é pudeste esquecer-te de uma coisa dessas?

- Não sei.

- Sabes a razão de ela querer falar comigo?

- Não... - Jonah hesitou e Miles viu imediatamente que o filho não estava a dizer a verdade.

- Filho, estás com problemas na escola?

Ao ouvir aquilo Jonah pestanejou e olhou para cima. O pai nunca o tratava por «filho» a menos que ele tivesse feito qualquer asneira. - Não, papá. Eu nunca me porto mal. Juro.

- Então, o que é que se passa?

- Não sei.

- Pensa bem.

Jonah agitou-se na cadeira, sabendo que a paciência do pai estava a chegar ao fim. - Bem, penso que pode haver um pequeno problema com os trabalhos.

- Pensei ouvir dizer-te que estava tudo bem na escola.

- Está tudo bem com a escola. A Miss Andrews é mesmo simpática e isso tudo, e eu gosto de lá estar.

Fez uma pausa.

- É que algumas vezes não percebo tudo o que se passa na aula.

- Por isso é que vais para a escola. Para aprenderes.

- Eu sei - respondeu Jonah -, mas não é como no ano passado, com Mr. Hayes. Ela manda fazer trabalhos difíceis. Há alguns que não consigo fazer.

Jonah parecia simultaneamente assustado e embaraçado. Miles estendeu o braço e pôs-lhe a mão no ombro.

- Por que é que não me disseste que tinhas problemas?

Jonah levou muito tempo a responder.

- Porque - disse, finalmente - não quero que te zangues comigo.

Depois do pequeno-almoço, verificando que Jonah estava preparado para ir, Miles ajudou-o a pôr a mochila e levou-o até à porta da frente. O filho quase não falara desde que tinham acabado de comer. Dobrando-se pela cintura, Miles beijou-o numa das faces.

- Não te preocupes com o que se vai passar à tarde. Vai tudo correr bem, certo?

- Está bem - resmungou Jonah.

- E não te esqueças de que te vou buscar, não venhas no autocarro.

- Está bem - respondeu de novo.

- Adoro-te, campeão.

- Também te adoro, papá.

Miles ficou a ver o filho dirigir-se à paragem do autocarro, no fim do quarteirão. Missy não teria ficado surpreendida com o que tinha acontecido naquela manhã, mas ele ficou. Missy já teria descoberto que Jonah estava a ter dificuldades na escola. Missy estava sempre a par daquele tipo de coisas.

Missy estava sempre a par de tudo.

2

Ao princípio da noite, no dia anterior ao encontro com Miles Ryan, Sarah Andrews andava pela parte histórica de New Bern, fazendo o possível para manter uma passada uniforme. Embora quisesse tirar todo o partido possível do exercício, e fosse uma caminhante ávida desde há cinco anos, desde que se mudara para a cidade o exercício tinha-se tornado mais difícil. Todas as vezes que saía encontrava qualquer coisa nova que lhe prendia a atenção e a obrigava a parar.

New Bern, fundada em 1710, está situada nas margens dos rios Neuse e Trent, na parte oriental do estado da Carolina do Norte. Sendo a segunda cidade mais antiga do

estado, chegou a servir de capital e tem o Tryon Palace, que serviu de residência do governador colonial. Destruído por um incêndio em 1798, o palácio foi reconstruído em 1954, juntamente com os jardins mais completos e requintados de todo o Sul. Chegada a Primavera, as túlipas e as azáleas floriam em todos os canteiros; no Outono, era a vez dos crisântemos. Sarah tinha-os percorrido quando se mudara para a cidade. Depois da primeira visita, embora naquela altura do ano os jardins estivessem sem flores, tinha saído do palácio com o desejo de se instalar nas redondezas, de forma a poder passar por ali todos os dias.

Tinha encontrado um apartamento fantástico em Middle Street, perto dali, no coração da baixa. O apartamento ficava no cimo das escadas, afastado três portas da farmácia onde, em 1898, Caleb Bradham tinha vendido a primeira garrafa da bebida do Brad, que todo o mundo veio a conhecer com a marca de Pepsi-Cola.

Junto à esquina havia a igreja episcopal inaugurada em 1718, uma imponente estrutura de tijolos a que as magnólias, altas como torres, davam sombra. Quando saía do apartamento, para o treino de marcha, passava pelos dois locais, a caminho de Front Street, onde as grandes mansões antigas se tinham erguido graciosamente durante os últimos dois séculos.

Porém, o que ela mais admirava era o facto de as casas terem sido minuciosamente restauradas durante os últimos cinquenta anos, uma casa de cada vez. Ao contrário do que sucedeu em Williamsburg, na Virgínia, que em grande parte foi restaurada graças a um subsídio da Fundação Rockefeller, New Bern tinha apelado aos cidadãos e estes responderam. Este sentimento de comunidade tinha atraído os pais de Sarah, quatro anos antes; quanto a ela, não sabia nada acerca de New Bern até se mudar para lá no mês de junho anterior.

La caminhando, a reflectir nas grandes diferenças que existiam entre New Bern e Baltimore, onde tinha nascido e fora criada, só deixando de lá morar havia poucos meses. Embora Baltimore também se orgulhasse de um rico passado, era uma grande cidade de progresso. New Bern era, por sua vez, uma pequena cidade sulista, relativamente isolada e não muito interessada em imitar o ritmo de vida cada vez mais rápido de outros lugares. Aqui, as pessoas ainda tinham tempo para se cumprimentarem quando andavam pelas ruas, e qualquer que fosse a pergunta que fizesse, recebia uma resposta longa, dita com calma e geralmente apimentada com referências a pessoas ou a acontecimentos de que nunca tinha ouvido falar, como se todas as coisas e todas as pessoas estivessem de certo modo ligadas. Era quase sempre agradável, mas havia alturas em que aquelas conversas a punham maluca.

Os pais tinham-se mudado para lá quando o pai aceitou um lugar de administrador hospitalar no Craven Regional Medical Center. Uma vez consumado o divórcio da filha, começaram a incitá-la a mudar-se também para a cidade. Conhecendo a mãe, Sarah tinha-se escusado durante um ano. Não se tratava de não gostar da mãe, mas acontecia que, muitas vezes, ela conseguia deixar a filha... esgotada, na falta de um termo mais apropriado. Mesmo assim, necessitando de paz de espírito, tinha acabado por

seguir o conselho e, pelo menos até agora, estava contente com a decisão que tinha tomado. A cidade correspondia exactamente àquilo de que ela precisava mas, por mais encantadora que fosse, não lhe passava pela cabeça viver ali para sempre.

New Bern, como tinha aprendido de imediato, não era cidade para solteiros. Não havia muitos lugares onde se pudesse conhecer pessoas, os homens da sua própria idade que conhecera eram todos casados, viviam rodeados pela família. Como em outras cidades do Sul, ainda existia uma ordem social que definia a maneira de viver citadina. Como, na sua maioria, as pessoas eram casadas, uma mulher solteira tinha dificuldade em encontrar um lugar onde se sentisse integrada, ou mesmo em iniciar relações de amizade.

Era, contudo, o lugar ideal para criar filhos e muitas vezes, durante as suas marchas, Sarah punha-se a imaginar como seria se a vida lhe tivesse corrido de maneira diferente. Quando era rapariga, partia sempre do princípio de que iria ter o tipo de vida que desejava: casar, ter filhos e morar num bairro onde as famílias se juntassem no quintal nos serões de sexta-feira, depois de terminado o trabalho da semana. Era o tipo de vida que conhecera em criança, era o tipo de vida que queria ter como adulta. Mas nada aconteceu como ela esperava. Como quase sempre sucede na vida real, como veio a perceber.

Mas, durante algum tempo, especialmente depois de ter conhecido Michael, pensara que tudo era possível. Tinha acabado a licenciatura que lhe permitia dedicar-se ao ensino; Michael tinha acabado o mestrado na Universidade de Georgetown. A família dele, uma das mais importantes de Baltimore, tinha feito fortuna na banca, era imensamente rica e formava um clã, o tipo de família que tinha lugar em diversos conselhos de administração e definia políticas nos country clubs, que serviam para excluir todas as pessoas consideradas inferiores. Todavia, Michael parecia rejeitar os valores da sua família e era considerado o solteiro mais apetecível da sociedade local. As cabeças voltavam-se quando ele entrava numa sala e, embora soubesse o efeito que produzia, a sua qualidade mais simpática consistia em fingir que a ideia que as outras pessoas faziam dele não o interessava minimamente.

Fingir era, sem dúvida, a palavra-chave.

Sarah, como todas as suas amigas, sabia de quem se tratava quando ele apareceu numa festa, e ficou surpreendida quando um pouco mais tarde ele se chegou junto dela para meter conversa. Ambos acertaram em cheio. Aquela pequena conversa provocou outra no dia seguinte, um pouco mais demorada, sentados à mesa de um café, e um convite para jantar. Não tardou que começassem a sair com regularidade; estava apaixonada. Um ano depois, Michael pediu-a em casamento.

A mãe ficou encantada com a notícia, mas o pai falou pouco, limitou-se a dizer que esperava que ela fosse feliz. Talvez suspeitasse de qualquer coisa, talvez conhecesse suficientemente o mundo para saber que os contos de fadas raramente acontecem na vida real. Quaisquer que fossem as suas dúvidas, o pai não lhe disse nada na altura e, na verdade, Sarah não se preocupou em esclarecer as reservas dele, pelo menos até ao momento em que Michael lhe pediu que assinasse um acordo pré-nupcial. Explicou que a família tinha insistido no acordo mas, embora ele tivesse feito o possível para atribuir as culpas todas aos pais, uma parte dela suspeitou que, na ausência dos pais, o próprio Michael teria insistido no acordo. Mesmo assim, assinou os papéis.

Nesse dia, ao serão, os pais de Michael deram uma festa magnífica, onde o noivado foi formalmente anunciado.

Casaram sete meses mais tarde. Passaram a lua-de-mel na Grécia e na Turquia; quando regressaram a Baltimore instalaram-se numa casa a menos de dois quarteirões de distância da casa onde viviam os pais de Michael. Embora não tivesse necessidade de trabalhar, Sarah começou a leccionar a segunda classe numa escola elementar urbana. Para surpresa dela, o marido apoiou inteiramente a decisão, mas isso era típico do relacionamento que eles cultivavam na altura. Tudo parecia perfeito durante os dois primeiros anos de casamento: os dois passavam horas na cama durante os fins-de-semana, a conversar ou a fazer amor, e ele confiava-lhes os sonhos que alimentava de um dia entrar na política. Tinham um amplo círculo de amigos, quase todas as pessoas que Michael conhecia desde pequeno, havia sempre uma festa aonde ir ou um fim-de-semana passado fora da cidade. O tempo livre que lhes restava era passado na cidade de Washington, em visitas a museus, idas ao teatro e

passeios pela zona monumental de Capitol Mall. Foi aí, quando se encontravam no interior do Lincoln Memorial, que Michael disse a Sarah que era chegada a altura de terem

filhos. Sarah lançou-lhe os braços à volta do pescoço mal o ouviu dizer aquilo, sabendo que ele nunca lhe poderia dizer outras palavras que a conseguissem tornar mais feliz.

Quem poderá explicar o que se passou de seguida? Passaram vários meses depois daquele dia feliz no Lincoln Memorial, mas Sarah continuava por engravidar. O médico disse-lhe que não se preocupasse, que por vezes a gravidez tardava algum tempo a aparecer em mulheres que deixavam de tomar a pílula, mas sugeriu nova consulta, para o final do ano, se o problema se mantivesse.

Manteve-se e decidiram fazer exames. Uns dias mais tarde, depois de recebidos os resultados, encontraram-se no consultório do médico. Sentados em frente dele, bastou um olhar para ela se convencer de que algo de grave se passava.

Foi então que Sarah foi informada de que os seus ovários eram incapazes de produzir óvulos.

Um semana depois, Sarah e Michael tiveram a primeira briga. Michael não regressou do trabalho e ela ficou, durante horas, a andar nervosamente de um lado para o outro, à espera, a arranjar razões para ele não ter telefonado e a imaginar que algo de terrível lhe tivesse acontecido. Estava histérica quando o marido chegou a casa; quanto a Michael, estava bêbado.

- Tu não és a minha dona - foi a única explicação que ele conseguiu encontrar e, a partir daí, a discussão só podia piorar, e depressa. No calor do momento, disseram coisas terríveis um ao outro. Passadas uma horas, Sarah estava arrependida de tudo; Michael pediu desculpa. Contudo, a partir desse dia, Michael tornou-se mais distante, mais reservado. Quando pressionado, negava que sentisse qualquer diferença em relação a ela.

- Não se passa nada - dizia -, vamos ultrapassar tudo isto.

Mas as relações entre eles foram-se deteriorando progressivamente. As discussões tornavam-se mais acaloradas em cada mês que passava. Uma noite, depois de ela repetir a sugestão de adoptarem uma criança, Michael repeliu a ideia de uma vez por todas:

- Os meus pais nunca aceitariam isso.

Uma parte dela percebeu que naquela noite a relação tomara uma direcção irreversível. Não foram as palavras dele que alteraram a situação, nem o facto de ele parecer tomar o partido dos pais. Foi aquela expressão no seu rosto - a que lhe dizia que, de um

momento para o outro, ele parecia ter decidido que o problema era exclusivamente dela, não deles.

Menos de uma semana depois, encontrou-o na sala de jantar com um copo de brande ao alcance da mão. Pelo olhar vago dele, percebeu que já teria despejado outros. Começou por dizer que queria o divórcio; tinha a certeza de que ela compreendia. Quando ele acabou, Sarah não conseguiu dar-lhe qualquer resposta, nem tinha vontade nenhuma de a dar.

O casamento estava acabado. Tinha durado menos de três anos. Sarah tinha 27 anos de idade.

Os doze meses seguintes foram um período para esquecer. Toda a gente queria saber o que tinha corrido mal; fora da própria família, Sarah não deu satisfações a ninguém.

- Não resultou, mais nada - era a resposta única, para todos.

Como não sabia que mais podia fazer, Sarah continuou a ensinar. Também passava duas horas por semana em conversa com Sylvia, uma conselheira extraordinária. Quando Sylvia lhe recomendou um grupo de apoio, ainda foi a algumas reuniões. Mas, muitas vezes, quando se deixava ficar sentada, sozinha, no pequeno apartamento que habitava, a realidade da situação tornava-se um fardo insuportável e recomeçava a chorar, durante horas, sem conseguir parar. Durante um destes períodos mais negros, chegou a considerar a hipótese de suicídio, embora ninguém - nem a conselheira, nem a família - chegasse a saber disso. Foi então que percebeu que tinha de deixar Baltimore; precisava de um sítio para recomeçar. Precisava de uma terra em que as memórias não fossem tão dolorosas, um sítio onde nunca tivesse estado.

Agora, a pisar as ruas de New Bern, Sarah fazia o possível para pensar o futuro. Ainda tinha momentos difíceis, mas já não eram, nem de longe, tão maus como tinham sido. Os pais ajudavam, à sua maneira - o pai sem nunca se referir ao assunto; a mãe juntava artigos de revistas e jornais em que eram descritos os mais recentes

29

avanços da medicina - mas o irmão, Brian, antes de ir para Raleigh, para frequentar o primeiro ano da Universidade da Carolina do Norte, tinha sido uma bóia de salvação.

Como muitos adolescentes, mostrava-se muitas vezes distante e isolado, mas era um ouvinte capaz de revelar verdadeira simpatia pelos outros. Estava disponível sempre que ela sentia necessidade

de falar; sentia a falta dele, agora que estava longe. Sempre existira uma ligação forte entre eles; como irmã mais velha, tinha ajudado a mudar-lhe as fraldas e dava-lhe de comer sempre que a mãe deixava. Mais tarde, quando ele foi para a escola, ajudava-o nos trabalhos de casa e foi ao ajudá-lo que se apercebeu de que queria ser professora.

Essa foi uma decisão de que nunca se arrependeu. Adorava ensinar; adorava o trabalho com crianças. Sempre que entrava numa sala de aulas e via trinta rostos miúdos a olhar para ela, percebia que tinha escolhido a carreira certa. De início, como sucede com a maioria dos professores jovens, fora uma idealista, alguém convencido de que qualquer criança obteria bons resultados se a professora se esforçasse o suficiente. Depois, com tristeza, aprendeu que isso não era possível. Algumas crianças, por quaisquer razões, fechavam-se a tudo o que ela tentava, por mais que ela se esforçasse. Era a parte pior daquele trabalho, a única parte que lhe provocava algumas insónias, mas nunca foi razão para evitar que fizesse uma nova tentativa.

Sarah limpou a transpiração da testa, aliviada por o ar estar finalmente a ficar mais fresco. O Sol já ia baixo no horizonte e as sombras alongavam-se. Quando passou em frente do quartel dos bombeiros, dois dos homens que estavam sentados em cadeiras de

repouso cumprimentaram-na. Sorriu-lhes. Tanto quanto se recordava, fogos no final da tarde eram coisa desconhecida naquela cidade. Nos dois meses passados, tinha-se habituado a ver os bombeiros todos os dias, à mesma hora, sentados exactamente nos mesmos lugares.

New Bern.

Pensando bem, a sua vida tinha adquirido uma estranha simplicidade desde que se mudara para ali. Embora por vezes sentisse falta da energia da cidade grande, tinha de admitir que o abranda-

30

mento do ritmo tinha os seus benefícios. Durante aquele Verão tinha passado muitas horas a vasculhar as lojas de antiguidades da baixa ou apenas a olhar para os barcos atracados por detrás do Sheraton. Mesmo agora que as aulas tinham recomeçado, não tinha de correr para lado nenhum. Trabalhava e passeava e, quando não ia visitar os pais, passava a maior parte dos serões em casa, a ouvir música clássica e a refazer os planos de lições que tinha trazido de Baltimore. E sentia-se muito bem assim.

Como era nova na escola, os seus planos ainda careciam de pequenas alterações. Verificara que muitos dos alunos da classe não estavam tão adiantados quanto deviam na maioria das matérias essenciais, pelo que tinha tido necessidade de atrasar um pouco os avanços nas matérias e de incorporar mais trabalhos de revisão. Não que tivesse ficado surpreendida; cada escola tinha um ritmo próprio de progressão. Mas pensava que, chegado o final do ano, os alunos, ou pelo menos a maioria deles, estariam onde era necessário que estivessem. Havia, contudo, um aluno que a preocupava especialmente.

Jonah Ryan.

Era um miúdo bastante simpático; tímido e modesto, o tipo de criança que passa facilmente despercebida. No primeiro dia de aulas sentou-se na última fila e respondeu-lhe com delicadeza sempre que o interrogou; mas o tempo em que trabalhara em Baltimore tinha-a ensinado a dar atenção especial àquelas crianças. Por vezes, não havia problema nenhum; outras, queria dizer que elas tentavam esconder qualquer coisa. Depois de ter pedido aos alunos que entregassem o primeiro trabalho, tomara mentalmente nota de que devia analisar cuidadosamente o trabalho de Jonah. Tal não seria necessário.

O trabalho - uma pequena redacção sobre o que tinham feito durante as férias de Verão - era uma maneira de Sarah fazer uma avaliação rápida da capacidade de redigir dos miúdos. Em muitas das redacções havia o sortido habitual de erros de ortografia, ideias incompletas e má caligrafia, mas Jonah destacava-se; simplesmente, não fez o que lhe foi pedido. Tinha escrito o nome no canto superior esquerdo da folha, mas em vez de escrever um parágrafo, fez um desenho de si próprio dentro de um pequeno

31

barco, a pescar. Quando lhe perguntou a razão de não ter feito o que ela mandara, Jonah tinha explicado que Mr. Hayes o deixava sempre desenhar, em vez de escrever, porque «a minha letra não é muito boa».

A resposta fez soar todos os alarmes na cabeça dela. Tinha-lhe sorrido e dobrara-se de forma a ficar mais perto dele.

- Podes mostrar-me como é a tua letra? - perguntou. Passou bastante tempo até que Jonah acenasse que sim, mas com relutância.

Enquanto os outros alunos se entregavam a actividades diferentes, Sarah sentou-se junto de Jonah, que tentava fazer o seu melhor. Não levou tempo a aperceber-se de que aquilo não fazia sentido; Jonah não sabia escrever. Mais tarde, nesse mesmo dia, verificou que

ele mal sabia ler. E na aritmética não estava melhor. Se não o conhecesse e tivesse de avaliar a que classe é que ele pertencia, teria pensado que Jonah tinha acabado de entrar no jardim de infância.

Começara por pensar numa deficiência de aprendizagem, de algo semelhante à dislexia. Mas, passada uma semana, deixou de crer que fosse essa a causa. Ele não misturava letras ou palavras, percebia tudo o que ela lhe dizia. Uma vez que lhe fosse ensinada uma coisa, tinha tendência para a fazer sempre bem a partir daí. Segundo cria, o problema advinha de nunca ter sido obrigado a fazer os trabalhos de casa, porque os professores não lhos tinham exigido.

Quando fez algumas perguntas acerca dele aos outros professores, ficou a saber o que tinha acontecido à mãe do miúdo, mas por muita simpatia que o caso suscitasse, sabia que não interessava a ninguém - e muito menos a Jonah - deixar o miúdo entregue a si mesmo, como tinham feito os professores dos anos antecedentes. Por outro lado, para não prejudicar os outros alunos, não podia dispensar ao Jonah toda a atenção de que ele carecia. Por fim, decidira encontrar-se com o pai do miúdo para o pôr ao corrente da situação, na esperança de que conseguissem encontrar uma forma de resolver o problema.

Tinha ouvido falar de Miles Ryan.

Não muito, mas sabia que ele era respeitado pela maioria das pessoas, que os vizinhos gostavam dele e, mais importante ainda,

32

parecia interessar-se verdadeiramente pelo filho. Isso era bom. Mesmo com o pouco tempo que tinha na profissão, já tinha encontrado pais que não se preocupavam com os filhos, considerando-os mais como um fardo do que como uma bênção, mas também já encontrara pais que não acreditavam que os filhos pudessem fazer qualquer coisa malfeita. Em ambos os casos, eram pessoas com quem o diálogo era impossível. De acordo com o que ouvira dizer, Miles Ryan não era assim.

Por fim, no cruzamento seguinte, Sarah começou a abrandar e ficou a dar passagem a alguns carros. Atravessou a rua, acenou para o homem que estava ao balcão da farmácia e pegou no correio, antes de subir as escadas que levavam ao seu apartamento. Depois de abrir a porta, deu uma olhadela aos sobrescritos e pousou-os na mesa que estava junto da porta.

Foi à cozinha buscar um copo de água gelada e levou-o para o quarto. Estava a despir-se e a atirar a roupa para o cesto, a antecipar o gozo do chuveiro frio, quando notou o piscar do atendedor de chamadas. Carregou no botão para ouvir e reconheceu a voz da mãe, a dizer-lhe que gostava que ela mais tarde passasse lá por casa, se não tivesse outros planos. Como era habitual, a voz da mãe soava ligeiramente ansiosa.

Na mesa-de-cabeceira, junto do atendedor de chamadas, havia uma fotografia da família de Sarah: Maureen e Larry no meio, Sarah e Brian de cada um dos lados. A máquina piscou de novo; havia uma segunda mensagem da mãe: «Ó, pensei que nesta altura já estarias em casa...», dizia a mãe; «espero que esteja tudo bem...»

Devia ir, ou não? Estaria com disposição para ir?

Acabou por decidir que ia. Afinal, não tinha mais nada que fazer.

Miles Ryan desceu a Madame Moore's Lane, uma vereda estreita e ventosa que corria ao longo do rio Trent e também de Brices Creek, desde a baixa de New Bern até Pollocksville, uma pequena povoação situada vinte quilómetros a sul. Originalmente baptizada com o nome da mulher que tinha dirigido um dos bordéis mais famosos de toda a Carolina do Norte, passava junto da casa de campo e do sarcófago de Richard Dobbs Spaight, um

33

herói do Sul e um dos signatários da Declaração de Independência. Durante a Guerra Civil os soldados nortistas exumaram o corpo e colocaram a caveira num portão de ferro, um aviso aos cidadãos e um conselho para que não resistissem à ocupação. Graças a esta história, Miles não se aproximou daquele portão durante toda a sua infância.

Apesar da sua beleza e relativo isolamento, a estrada por onde seguia não era própria para crianças. Era percorrida, de noite e de dia, por enormes camiões carregados de troncos e os condutores tinham tendência para se esquecerem de que as curvas eram apertadas. Como proprietário de uma casa numa das comunidades situadas quase à beira da estrada, há anos que Miles tentava impor limites de velocidade mais baixos.

Ninguém, com excepção de Missy, alguma vez lhe dera ouvidos.

Esta estrada levava-o sempre a pensar nela.

Miles tirou outro cigarro, acendeu-o e desceu o vidro lateral. As imagens simples dos anos que tinham vivido juntos pareceram entrar no carro juntamente com o ar

quente; porém, como acontecia sempre, aquelas imagens conduziam inexoravelmente às recordações do seu último dia de casados.

Ironicamente, ele tinha estado fora a maior parte do dia, um domingo. Tinha saído de casa de manhã, muito cedo, para ir à pesca com Charlie Curtis. E embora nesse dia a pescaria fosse rendosa, tanto para ele como para Charlie, isso não fora suficiente para apaziguar a mulher. No momento em que chegou a casa deparou com Missy, com a cara suja de terra, de mãos nas ilhargas, a olhar para ele de frente. A mulher não disse uma única palavra mas, de facto, não teve necessidade de o fazer. A maneira como o olhou disse tudo.

O irmão dela e a mulher estavam para chegar no dia seguinte, vindos de Atlanta, e Sarah tinha estado ocupada a trabalhar nos canteiros à volta da casa, tentando prepará-la para a recepção das visitas. Jonah tinha gripe e estava de cama, o que não tornava as coisas nada fáceis, pois tinha também de tratar dele. Mas não era por isso que estava zangada; o motivo da fúria era o próprio Miles.

Embora tivesse dito que não se importava que Miles fosse à pesca, tinha-lhe pedido que tratasse do jardim no sábado, de ma-

34

neira a que ela não tivesse mais essa preocupação. Contudo, o trabalho dele tinha-lhe estragado os planos e, em vez de telefonar a Charlie a pedir desculpa por não o acompanhar, Miles decidiu ir à pesca no domingo, como tinham combinado. Charlie tinha-o massacrado durante todo o dia - «Esta noite vais dormir no sofá» - e Miles achava muito provável que ele tivesse razão. Mas arranjar o jardim era trabalho de jardineiro e a pesca era a pesca. Sabia que nem o irmão de Missy nem a mulher dele se iam preocupar minimamente com os canteiros à volta da casa, que não iam ligar ao facto de haver uma quantas plantas e ervas um pouco mais crescidas.

Além disso, prometera a si próprio que se encarregaria de tudo quando chegasse a casa e pensava cumprir a promessa. Não tivera intenção de estar fora de casa o dia todo mas, como acontecia em muitas das suas pescarias, uma coisa tinha levado a outra e perdera a noção do tempo. Trazia, no entanto, todo o discurso preparado: - Não te preocupes, eu trato de tudo, mesmo que o trabalho dure toda a noite e tenha de trabalhar à luz da lanterna.

Também não teria sido má ideia se, antes de se esgueirar para fora da cama nessa manhã, ele lhe tivesse dito o que contava fazer. Mas não tinha dito nada e quando chegou a casa a mulher já tinha feito o trabalho quase todo. A relva estava aparada, os bordos do caminho limpos, Sarah tinha plantado alguns amores-perfeitos à volta da caixa do correio. Devia ter levado horas; dizer que ela estava zangada era subestimar a situação. Nem furiosa seria suficiente. Era algo mais forte do que isso, a diferença entre um fósforo aceso e uma mata a arder, e ele sabia isso. Nos anos que já levavam de casados já tinha visto, embora poucas vezes, aquele olhar. Engoliu em seco. Vamos a isto!

- Olá doçura - disse timidamente -, desculpa por vir tão tarde. Mas perdemos a noção do tempo.

Quando se preparava para debitar o discurso principal, Missy voltou-lhe as costas e falou-lhe por cima do ombro.

- Vou dar um passeio. Podes tomar conta disto, não podes?

Tinha estado a preparar-se para varrer a relva dos caminhos de acesso à casa e à garagem; a máquina estava no relvado.

Miles tinha esperteza suficiente para não responder.

35

Depois de ela ter ido mudar de roupa, Miles tirou a caixa frigorífica da mala do carro e levou-a para a cozinha. Missy saiu do quarto quando ele ainda estava a pôr o peixe no frigorífico.

- Estava só a guardar o peixe... - começou, mas Missy olhou-o com cara de poucos amigos.

- E se fosses fazer aquilo que te pedi?

- Já vou, deixa-me só guardar o peixe para evitar que se estrague.

Missy desviou os olhos. - Esquece. Eu termino o trabalho quando voltar.

O ar de martírio, isso é que Miles não estava disposto a suportar.

- Eu faço - disse. - Eu disse que fazia, não disse?

- Tal como disseste que acabavas o relvado antes de saíres para a pesca?

Ele deveria ter mordido o lábio e ficar calado. Claro, ele preferia passar o dia a pescar do que a trabalhar nos canteiros à roda da casa; era óbvio que a tinha deixado mal. Mas, avaliando as coisas todas em conjunto, aquilo não era assim tão importante, pois não? Ao cabo e ao resto, tratava-se apenas do irmão e da cunhada dela. Não estavam à espera da visita do presidente. Não havia nenhuma razão para tratar o caso daquela forma irracional.

Sim, devia ter ficado calado. Teria sido melhor para ambos, a julgar pelo olhar que ela lhe deitou depois de ele ter dito aquilo. Miles ouviu as janelas estremecer quando ela saiu, batendo com a porta.

Contudo, pouco depois de a mulher ter saído, caiu em si, reconheceu que tinha agido mal e arrependeu-se disso. Tinha-se portado como um palerma e ela tivera razão ao fazer-lhe ver isso mesmo.

Mas nunca iria ter oportunidade de lhe pedir desculpa.

- Então ainda fumas?

Charlie Curtis, chefe da polícia do distrito, estava do outro lado, a olhar para o amigo que acabava de tomar lugar à mesa.

A resposta foi rápida: - Eu não fumo.

Charlie levantou as mãos em sinal de paz. - Eu sei, eu sei, já me disseste. Se queres continuar a iludir-te, não tenho nada com isso. Mas não me vou esquecer de pôr aí um cinzeiro sempre que estiveres para chegar.

36

Miles riu-se. Charlie era das poucas pessoas daquela cidade que continuava a tratá-lo como sempre fizera. Há anos que eram amigos; foi Charlie quem lhe sugeriu a entrada para a polícia, foi Charlie quem lhe estendeu as asas protectoras logo que ele acabou a formação. Era mais velho - fazia 65, em Março - e tinha o cabelo salpicado de cinzento. Tinha aumentado dez quilos nos últimos anos, com quase todo esse peso extra a concentrar-se na parte média do corpo. Não era um daqueles polícias que intimidava as pessoas com o aspecto, mas era esperto e diligente, e tinha um certo jeito para encontrar as respostas de que necessitava. Nas últimas três eleições, ninguém se dera ao trabalho de concorrer contra ele.

- Deixo de vir - disse Miles -, a menos que deixes de me fazer essas acusações ridículas.

Estavam ambos sentados na mesa do canto e a criada, apressada para atender a multidão da hora de almoço, deixou ficar um bule de chá e dois copos com gelo em cima da mesa, e seguiu. Miles encheu os copos de chá e empurrou um na direcção de Charlie.

- Brenda ficará desapontada - disse Charlie. - Sabes que ela começa a sentir a vossa falta se não trouxeres o Jonah de vez em quando.

Tomou um golo de chá. - Então, estás ansioso por ires encontrar-te hoje com a Sarah?

Miles olhou para ele. - Quem?

- A professora do Jonah.

- Foi a tua mulher quem te disse?

Charlie sorriu. A mulher dele trabalhava na escola, no gabinete do director, e parecia estar a par de tudo o que acontecia por lá. - Pois foi.

- Repete lá o nome?

- Brenda - respondeu Charlie, muito sério.

Miles olhou-o do outro lado da mesa e Charlie fez uma cara de quem acabava de compreender. - Ó, estás a referir-te à professora? Chama-se Sarah. Sarah Andrews.

Miles bebeu um gole. - É boa professora?

- Acho que sim. Brenda diz que é óptima e que os miúdos a adoram, mas tu sabes que Brenda acha que as pessoas são todas óptimas.

37

Inclinou-se para a frente, como se fosse dizer um segredo. - Mas também disse que Sarah é atraente. Um espanto, se me faço entender.

- E o que é que isso tem a ver com o resto?

- Também me disse que a professora é solteira.

- E?

- E nada.

Charlie abriu um pacote de açúcar e despejou-se no chá já adoçado. Deu de ombros. - Só te estou a contar o que Brenda me disse.

- Pois, muito bem - disse Miles. - Fico-te agradecido. Nem sei como conseguiria passar o resto do dia sem essas opiniões da Brenda.

- Tem calma, Miles. Sabes que ela anda sempre à espreita de uma namorada para ti.

- Diz-lhe que estou a safar-me muito bem.

- Bolas, eu sei isso. Mas Brenda preocupa-se contigo. E fica sabendo que ela sabe que andas a fumar.

- Então, vamos ficar aqui a investigar os meus engates ou tiveste outra razão para me mandares chamar?

- Por acaso, até tive. Mas houve necessidade de te preparar para aceites o que vou dizer sem explodires.

- Mas, estás a falar de quê?

Na altura em que fez a pergunta, a criada deixou cair dois pratos em cima da mesa, com carne grelhada e salada de repolho cru, a refeição habitual dos dois homens, e Charlie aproveitou a pausa para preparar a resposta, pôs mais molho de vinagre na carne e acrescentou um pouco de pimenta à salada. Convencido de que não conseguia encontrar uma maneira airosa de dizer aquilo, decidiu-se por uma informação seca.

- O Harvey VUellman decidiu arquivar a queixa contra o Otis Timson.

Harvey Wellman era o delegado do procurador no distrito de Craven. Tinha falado com Charlie nessa manhã e oferecera-se para ser ele a informar Miles, mas Charlie decidira que talvez fosse preferível encarregar-se ele mesmo da tarefa.

Miles olhou para ele. - O quê?

38

- Olha lá, ele não vai deixar de fazer outra coisa estúpida e, desde que tenhamos provas, eu serei o primeiro a saltar sobre ele.

f Tu sabes isso. Mas não vás arranjar sarilhos, ele não vale isso. Mantém-te longe dele.

Miles continuava a não responder.

- Deixa andar, percebeste?

Charlie estava agora a falar não só como amigo mas também como chefe de Miles.

- Por que é que me estás a dizer isso?

- Ainda há pouco te disse a razão.

Miles olhou para Charlie mais de perto. - Mas há mais qualquer coisa, não há?

Charlie aguentou o olhar de Miles por um longo momento. - Olha... Otis diz que foste um bocado rude quando o prendeste; apresentou queixa.

Miles deu um enorme murro na mesa, o barulho ficou a reverberar por todo o restaurante. As pessoas da mesa mais próxima deram um salto e voltaram-se para olhar, mas ele nem deu por nada.

- Isso é uma mentira nojenta...

Charlie levantou as mãos para o obrigar a parar. - C'os diabos, eu sei isso e já o disse ao Harvey, e o Harvey não vai fazer nada com a queixa. Mas tu e ele não são propriamente amigos, ele sabe como tu és quando te irritam. Embora não tencione seguir com a queixa, não rejeita a possibilidade de Otis estar a dizer a verdade e disse-me que te ordenasse que te afastes dele.

- Nesse caso, o que é que tenho de fazer se vir Otis cometer um crime? Viro as costas?

- Raios, não. Não sejas estúpido. Tinhas-me à perna se fizesses uma coisa dessas. Só não te deves aproximar dele durante uns tempos, até isto assentar, a menos que não tenhas escolha. O que estou a dizer-te é para teu bem, percebes?

Miles não respondeu logo de seguida. Finalmente, respirou fundo e limitou-se a dizer: - Ótimo.

Contudo, quando o disse, sabia perfeitamente que os problemas entre ele e Otis ainda não tinham terminado.

41

3

Três horas depois da conversa com Charlie, Miles arrumou o carro num parque de estacionamento em frente da Grayton Elementary School, no momento exacto em que os alunos estavam a ser mandados sair. Havia três autocarros escolares estacionados e os alunos começaram a dirigir-se para eles, juntando-se em grupos de quatro ou seis. Miles e o filho avistaram-se quase simultaneamente. Jonah acenou com alegria e correu para o carro; Miles sabia que dentro de uns anos, uma vez entrado na adolescência, Jonah deixaria de fazer aquilo. O filho saltou-lhe para os braços abertos e Miles apertou-o muito, gozando daquela proximidade enquanto era possível.

- Olá campeão, como foi a escola?

Jonah afastou-se um pouco. - Tudo bem. E o trabalho

- Estou melhor agora por já ter acabado.

- Hoje prendeste alguém?

Miles abanou a cabeça. - Hoje não. Talvez amanhã. Ouve, não queres ir comer um gelado quando eu acabar o que tenho de fazer aqui?

Jonah fez acenos entusiásticos de concordância e Miles pô-lo no chão. - Também acho bem. Vamos fazer isso.

Baixou-se e olhou o filho de frente. - Achas que ficas bem aqui no recreio enquanto eu vou falar com a professora? Ou preferes esperar lá dentro?

- Ó papá, eu já não sou nenhum miúdo. Além disso, o Mark também cá fica. A mãe dele está no gabinete do médico.

42

Miles olhou para cima e viu o melhor amigo do filho, que o esperava com impaciência junto de um cesto de basquetebol. Ajeitou a fralda da camisa do filho.

- Bem, ficam os dois juntos, está bem? E não se afastem daqui, nem um nem o outro.

- Não nos afastamos.

- Então, está bem. Mas tenham cuidado.

Jonah entregou a mochila ao pai e afastou-se a correr. Miles atirou com ela para o banco da frente e começou a percorrer o parque de estacionamento, às curvas, por entre os carros. Alguns miúdos gritaram saudações, o mesmo acontecendo com algumas mães que tinham vindo buscar os filhos. Miles parou e ficou a conversar com alguns deles, à espera que a confusão no exterior da escola comesse a amainar. Logo que os autocarros arrancaram e a maioria dos carros também desapareceu, os professores regressaram ao interior da escola. Miles deu uma última olhada na direcção de Jonah, antes de entrar também.

Foi atingido por uma baforada de ar quente mal entrou no edifício. A escola tinha cerca de quarenta anos, e embora o sistema de ar condicionado tivesse sido substituído mais de uma vez, não estava à altura das necessidades durante as primeiras semanas do ano escolar, quando o Verão ainda fazia sentir a sua força. Quase de imediato, Miles sentiu-se a transpirar por todos os poros, abanando-se com o chapéu enquanto percorria o corredor. Sabia que a sala de Jonah ficava no canto mais afastado. Quando lá chegou, a sala estava deserta.

Por momentos pensou que a sala não era aquela, mas o nome das crianças, que constava da folha de chamada, confirmou-lhe que estava no sítio certo. Consultou o relógio,

percebeu que estava adiantado alguns minutos e deu uma volta pela sala. Viu vestígios da lição no quadro negro, as carteiras alinhadas em filas, uma mesa redonda cheia de papel e boiões de cola para construções. Nas paredes havia algumas redacções curtas e Miles estava a tentar localizar a de Jonah quando ouviu uma voz atrás de si.

- Desculpe, estou atrasada. Tive de levar umas coisas à secretaria.

Foi então que Miles viu Sarah Andrews pela primeira vez.

43

Naquela altura, não sentiu os cabelos do pescoço arrepiarem-se, nenhuma premonição de relações futuras; não teve nenhum pressentimento e, mais tarde, tendo em vista tudo o que sucedeu depois, mostrou-se sempre espantado com aquela primeira reacção. Contudo, nunca mais se esqueceria da surpresa que tinha sentido quando

vlf

er lf que Charlie tinha razão. Ela era atraente. Nada de espampanante, mas seguramente uma mulher que fazia os homens voltar a cabeça por onde passasse. Tinha cabelo louro, bem cortado um pouco acima dos ombros e um penteado simultaneamente elegante e prático. Vestia saia comprida e uma blusa amarela; embora a cara estivesse corada por causa do calor, os olhos azuis pareciam irradiar frescura, como se tivesse passado todo o dia a descansar na praia.

- Não tem importância - respondeu. - Eu é que cheguei um pouco adiantado.

Estendeu a mão. - Sou o Miles Ryan.

Enquanto ele falava, Sarah lançou um olhar furtivo para o coldre. Não era a primeira vez que Miles observava aquele olhar - um olhar de apreensão - mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, ela olhou-o nos olhos e sorriu. Aceitou-lhe a mão, como se o coldre não a afectasse minimamente. - Sou a Sarah Andrews. Obrigada por ter conseguido vir hoje. Depois de mandar o bilhete para sua casa, lembrei-me de que não lhe tinha dado a hipótese de marcar outra data mais conveniente para si.

- Não houve problema nenhum. O meu chefe conseguiu resolver as coisas.

Ela acenou, sem desviar os olhos dele. - Charlie Curtis, não é? Conheço a mulher dele, a Brenda. Tem-me ajudado a perceber como é que as coisas funcionam por cá.

- Tenha cuidado; se a deixar, consegue pôr-lhe as orelhas a arder.

Sarah riu-se. - Já percebi que sim. Mas não há dúvida de que me tem ajudado imenso. Não sermos conhecidos num lugar é sempre um pouco assustador, mas ela tem feito tudo o que é possível para que eu me sinta bem, como se esta fosse a minha terra.

- É uma senhora amorosa.

Ficaram ali, perto um do outro, mas mantiveram-se calados durante algum tempo. Miles sentiu que agora, acabada a conversa

44

trivial, ela se sentia bem menos à vontade. Deu uma volta à secretária, como que a preparar-se para falar de coisas sérias. Começou a mudar papéis de uns lugares para outros, a examinar as pilhas, à procura daquilo que precisava. Lá fora, o Sol espreitou por detrás de uma nuvem e começou a lançar raios oblíquos através da janela. A temperatura pareceu subir de imediato e Miles voltou a agitar o tecido da camisa. Sarah olhou para ele.

- Sei que está calor... Já quis trazer uma ventoinha, mas ainda não tive oportunidade de a ir comprar.

- Não tem importância.

Ao dizer isto, sentiu o suor começar a escorrer pelo peito e pelas costas.

- Bem, vou apresentar-lhe uma série de opções. Pode puxar uma cadeira e falarmos aqui, com a possibilidade de ambos desmaiarmos, ou podemos fazer isto lá fora, onde está um pouco mais fresco. Há mesas de piquenique à sombra.

- Acha bem?

- Se não se importa.

- Não, não me importo nada. Além disso, como Jonah ficou no recreio, posso ficar de olho nele enquanto falamos.

Ela concordou. - Muito bem. Deixe-se só confirmar se tenho tudo o que quero...

Um minuto mais tarde deixaram a sala, encaminharam-se para o vestíbulo e abriram a porta principal.

- Então, há quanto tempo é que vive na cidade? - acabou Miles por perguntar.

- Desde junho.

- E qual é a sua impressão?

Olhou para ele. - Isto é um bocado parado, mas é interessante.

- De onde é que veio?

- De Baltimore. Cresci lá, mas... - fez uma pausa. - Precisava de mudar.

Miles acenou que sim. - Percebo. Por vezes, também me sinto tentado a sair daqui.

Logo que disse aquilo, a cara dela mostrou sinais de compreensão, pelo que Miles percebeu imediatamente que ela tinha ouvido falar de Missy. Não fez, contudo, nenhum comentário.

45

G

i

Ao sentarem-se à mesa de piquenique, Miles olhou-a disfarçadamente. Assim de perto, com a luz a penetrar por entre as folhas, a pele dela parecia macia, quase luminosa. Sarah Andrews, segundo ele decidiu de imediato, nunca tinha tido borbulhas durante a adolescência.

- Ora bem... - começou -, devo tratá-la por Miss Andrews?

- Não, Sarah serve perfeitamente.

- Muito bem, Sarah...

Calou-se e passado um momento Sarah acabou a frase por ele.

- Qual será a causa da minha necessidade de falar consigo?

- Tenho andado a pensar nisso.

Sarah olhou para a pasta que tinha na frente, depois voltou a olhar para ele. - Bem, deixe que comece por dizer que gosto muito de ter o Jonah na minha classe. É um miúdo maravilhoso; é sempre o primeiro a oferecer-se se eu preciso que me façam qualquer coisa, também é verdadeiramente amigo dos outros alunos. Também é educado e, para a idade, fala muito bem.

Miles observou-a com todo o cuidado. - Por que será que tenho a impressão de que me está a preparar para as más notícias?

- É assim tão evidente?

- Bem.. em parte - admitiu Miles, e Sarah fez um sorriso tímido.

- Desculpe, mas não queria que ficasse com a ideia de que tudo é mau. Diga-me uma coisa: Jonah alguma vez lhe falou do que se está a passar?

- Não, até esta manhã. Quando lhe perguntei por que é que a professora queria falar comigo, limitou-se a dizer que tinha dificuldades com alguns dos trabalhos.

- Percebo.

Fez uma pausa, como se tentasse pôr as ideias em ordem.

Miles acabou por dizer: - Está a pôr-me nervoso. Não pensa que haja qualquer problema grave, pois não?

- Bem - hesitou. - Odeio ter de lhe dizer isto, mas penso que há. Jonah não está a ter dificuldades com alguns dos trabalhos escolares, Jonah está a ter dificuldades com todos os trabalhos.

Miles ficou carrancudo. - Com todos?

- Jonah - disse ela calmamente - está atrasado na leitura, na escrita, na ortografia e na matemática, em tudo, praticamente. Para lhe ser franca, não acho que ele estivesse preparado para passar para a segunda classe.

Miles ficou a olhar para ela, sem saber o que havia de dizer. Sarah continuou. - Sei que ouvir isto é doloroso para si. Acredite, se ele fosse meu filho, eu também não gostaria de ouvir nada de semelhante. Por isso é que quis ter a certeza antes de falar consigo. Veja...

Sarah abriu a pasta e entregou-lhe um maço de papéis. Os trabalhos escolares de Jonah. Miles deu uma vista de olhos pelas páginas: dois testes de matemática sem uma única resposta certa, uma série de páginas em que devia estar um exercício de composição (Jonah não tinha conseguido melhor do que rabiscar umas palavras ininteligíveis) e três exercícios curtos de interpretação que o miúdo também não conseguira fazer. Depois de uma longa pausa, ela empurrou toda a pasta na direcção de Miles.

- Pode ficar com o dossier completo. Já analisei tudo.

- Nem sei se quero ficar com isto - respondeu ele, ainda sob o efeito do choque.

Sarah inclinou-se um pouco para diante. - Algum dos antigos professores lhe disse que o seu filho estava com dificuldades?

- Não. Nunca.

- Nada?

Miles desviou os olhos. Do outro lado do jardim viu Jonah a descer o escorrega, logo seguido de Mark. Juntou as mãos.

- A mãe do Jonah morreu antes de ele entrar para o jardim de infância. Soube que costumava deixar cair a cabeça em cima da mesa e que por vezes chorava; todos estávamos muito preocupados com isso. Mas o professor nunca me mencionou dificuldades de aprendizagem. Os relatórios diziam que ele estava a sair-se bem. O ano passado sucedeu exactamente a mesma coisa.

- Alguma vez viu se ele levava trabalhos para fazer em casa?

- Nunca tinha nenhuns. Excepto para projectos que ele fazia.

Sem dúvida agora tudo aquilo parecia ridículo, mesmo para ele. Então, como é que não tinha dado por isso antes? Demasiado absorvido na sua vida, há?, sussurrou-lhe uma voz interior.

Miles respirou fundo, furioso consigo próprio, zangado com a escola. Sarah pareceu ler-lhe o pensamento.

- Vejo que se atormenta a perguntar como é que isto pôde acontecer e tem todo o direito de se sentir furioso. Os professores de Jonah tinham a responsabilidade de o ensinar, mas não o fizeram. Tenho a certeza de que não agiram por maldade, talvez tenha acontecido porque as pessoas não queriam pressioná-lo demasiado.

Miles ficou muito tempo a pensar, antes de responder. - Que grande favor me fizeram - murmurou.

- Muito bem - disse Sarah, não lhe pedi que viesse cá só para lhe dar más notícias. Se assim fosse, estaria a esquecer-me da minha responsabilidade. Quis falar consigo acerca da melhor forma de ajudarmos o Jonah. Não quero que ele perca o ano e, com um ligeiro esforço, não creio que tenha de o perder. Ainda está a tempo de recuperar.

A ideia levou algum tempo a assentar, e quando ele a olhou, Sarah fez que sim com a cabeça.

- O Jonah é muito inteligente. Nunca se esquece de nada que aprenda. Mas precisa de mais atenção do que a que lhe posso dispensar durante as aulas.

- E o que é que isso quer dizer?

- Precisa de ajuda, para além do horário normal.

- Uma espécie de explicador?

Sarah alisou a longa saia. - O explicador é uma solução, mas pode tornar-se cara, especialmente se tivermos em conta que Jonah precisa de aprender tudo, desde o início. Não estamos a falar de álgebra, pois de momento estou preocupada com uma simples soma de dois dígitos, algo como $2 + 3$. Quanto à leitura, só precisa de a praticar. O mesmo que se passa com a escrita, é apenas uma questão de o pôr a escrever. A menos que tenha dinheiro para desperdiçar, talvez fosse uma boa ideia que fosse você mesmo a fazer isso.

- Eu?

- Não é assim tão difícil. Lê com ele, obriga-o a ler para si, ajuda-o a fazer os trabalhos, coisas deste género. Não penso que venha a ter problemas com os trabalhos que dou aos meus alunos.

48

- Devia ver as cadernetas de quando eu era miúdo.

Sarah sorriu, antes de continuar. - Estabelecer um horário também não seria má ideia. Aprendi que os miúdos recordam as coisas com mais facilidade quando há uma rotina.

E, além disso, uma rotina quase sempre obriga a que sejamos consistentes. E isso é o que Jonah precisa, mais do que tudo.

Miles mexeu-se na cadeira. - Não é tão fácil como parece. Os meus horários são variáveis. Por vezes, estou em casa às 4 da tarde, outras não chego a casa a tempo de ver o Jonah acordado.

- Quem é que toma conta dele depois da escola?

- Mrs. Knowlson, a nossa vizinha. É uma pessoa formidável mas não sei se estará à altura de fazer os trabalhos juntamente com ele, todos os dias. Já está na casa dos 80.

- E não há mais ninguém? Um avô, ou outro familiar?

Miles abanou a cabeça. - Os pais de Missy mudaram-se para a Florida depois da morte dela. A minha mãe morreu quando eu estava a acabar o curso secundário. O meu pai levantou voo logo que fui para a universidade. Metade do tempo, nem sei onde ele pára. Pode dizer-se que Jonah e eu temos estado entregues a nós próprios nestes últimos anos. Não me interprete mal... é um miúdo estupendo e por vezes sinto-me feliz por o ter só para mim. Mas, em certas alturas, não posso deixar de pensar que tudo seria mais fácil se os pais de Missy tivessem continuado a viver na cidade, ou se o meu pai estivesse um pouco mais disponível.

- Para uma situação destas, não é?

- Exactamente - respondeu ele e Sarah riu-se de novo. Gostava do riso dela. Tinha um toque de inocência, do tipo que associamos com crianças que ainda têm de aprender que a vida não é apenas brincadeira e jogos.

- Pelo menos está a levar isto a sério - disse Sarah. - Nem lhe sei dizer quantas vezes é que tive conversas destas com pais, que ou não quiseram acreditar ou me atribuíram as culpas.

- Isso acontece muitas vezes?

- Mais do que imagina. Antes de enviar o bilhete para sua casa, até cheguei a discutir com Brenda a melhor forma de lhe comunicar isto.

- E ela disse-lhe o quê?

- Disse que não estivesse preocupada, que você não ia explodir. Que, antes de mais nada, ficaria preocupado por causa de Jonah e que mostraria abertura para o que eu tinha de lhe dizer. Depois disse-me que não me preocupasse absolutamente nada, mesmo que você trouxesse a pistola consigo.

Miles mostrou-se horrorizado. - Não disse nada disso.

- Disse, mas havia de lá estar quando ela mo disse.

- Vou ter uma conversa com ela.

- Não, isso é que não. É óbvio que ela gosta de si. Essa foi outra das coisas que me disse.

- A Brenda gosta de toda a gente.

Nesse momento, Miles ouviu Jonah desafiar Mark para o apanhar. Apesar do calor, os dois rapazes corriam pelo recinto de recreio, rodando junto dos postes, antes de se lançarem em corrida noutra direcção.

- Nem posso crer que tenham toda aquela energia - maravilhou-se Sarah. - Já hoje fizeram o mesmo, à hora do almoço.

- Eu percebo-a. Já nem me lembro da última vez que me senti capaz de correr daquela maneira.

- Deixe-se disso, não é assim tão velho. Tem quantos, 40, 45?

Miles mostrou-se novamente horrorizado e Sarah sorriu. - Estava a brincar - acrescentou.

Ele limpou a testa, a fingir alívio, surpreendido por estar a gostar da conversa. Por vezes, até parecia que ela estava a namoriscá-lo, e também gostava disso, mais do que tinha julgado possível.

- Penso que é de agradecer.

- Não há problema - respondeu Sarah, a tentar, sem ser bem sucedida, esconder o sorriso. - Ora bem... - fez uma pausa. Onde é que nós íamos?

- Estava a dizer-me que estou muito marcado pela idade.

- Antes disso... Já sei, estávamos a falar do seu horário e estava a dizer-me que lhe era impossível estabelecer uma rotina.

- Não disse que era impossível. Mas não vai ser fácil.

- Em que dias é que tem as tardes livres?

- Habitualmente às quartas e sextas.

Enquanto Miles pensava o que fazer, Sarah parecia ter tomado uma decisão.

- Ora bem, não faço isto por hábito, mas pretendo estabelecer um acordo consigo - afirmou, lentamente. - Se quiser, bem entendido.

Miles enrugou a testa. - Que espécie de acordo?

- Depois do horário, ficarei a trabalhar com o Jonah nos outros três dias da semana, se me prometer que faz o mesmo nos dois dias em que tem a tarde disponível.

Ele não conseguiu esconder o espanto. - É capaz de fazer isso?

- Com todos os alunos, certamente não. Mas, como já lhe disse, Jonah é um amor, além de nos últimos anos ter passado por momentos muito difíceis. Terei muito gosto em o ajudar.

- Verdade?

- Não fique tão surpreendido. Os professores, na sua maioria, são bastante dedicados ao seu trabalho. Além disso, fico aqui quase sempre até às quatro horas, de modo que o incómodo não será muito grande.

Miles não respondeu logo de seguida e Sarah aguardou em silêncio.

- Só faço esta oferta uma vez; por isso, é pegar ou largar - acabou por dizer.

Miles pareceu embaraçado. - Obrigado - disse com ar grave. - Nem tenho palavras para lhe exprimir o meu agradecimento.

- Não tem que agradecer. No entanto, há uma coisa de que vou precisar para obtermos bons resultados. Faça de conta que são os meus honorários.

- O que é?

- Uma ventoinha. E que seja das boas.

Apontou a escola com um movimento de cabeça. - Aquilo é um verdadeiro forno.

- Acabámos de estabelecer um acordo.

Vinte minutos mais tarde, depois de se ter despedido de Miles, Sarah regressou à sala de aula. Quando estava a reunir as suas coisas, deu consigo a pensar em Jonah e na melhor maneira de o ajudar. Disse para si própria que fazer a oferta tinha sido uma boa ideia. Tinha a virtude de a manter mais sintonizada com os seus progressos na aula, além de lhe permitir dar melhores indicações a

Miles quando ele tivesse de trabalhar com o filho. Era, sem dúvida, uma ligeira sobrecarga de trabalho, mas era a melhor maneira de ser útil ao Jonah, mesmo que não tivesse sido planeada. E não fora, até ao momento em que as palavras lhe saíram.

Ainda estava a tentar perceber porque é que tinha feito aquilo.

Mesmo sem querer, estava também a pensar em Miles. Ele não era o que ela esperava que fosse, mas essa era a única certeza. Quando Brenda lhe dissera que ele era ajudante do xerife, tinha imaginado de imediato a caricatura do polícia sulista: com peso a mais, as calças presas muito abaixo da cintura, óculos pequenos de lentes espelhadas, a boca cheia de tabaco de mascar. Tinha-o imaginado a entrar na sala com ares de valentão, de polegares enfiados no cós das calças, a falar com um sotaque arrastado: Ora bem, pequena, diga-me lá o assunto que a leva a querer falar comigo? Mas Miles não se parecia absolutamente nada com a caricatura.

Além disso, era atraente. Não como Michael tinha sido - moreno e elegante, com tudo perfeitamente no lugar - mas simpático, de uma simpatia mais natural e menos refinada. Mostrava uma certa rudeza de feições, como se tivesse passado muitas horas ao sol quando era rapaz. No entanto, ao contrário do que ela dissera, não parecia ter 40 anos, e essa fora uma das surpresas dela.

Não devia ter sido. Afinal, Jonah tinha apenas 7 anos, além de que ela sabia que Missy Ryan tinha morrido jovem. Pensou que o erro se deveria somente ao facto de a mulher dele ter morrido. Não conseguia imaginar que tal coisa pudesse acontecer a uma pessoa da sua idade. Não estava certo; parecia-lhe ser uma coisa contrária à ordem natural da vida.

Ainda a matutar nestas coisas, deu uma última vista de olhos pela sala, para ter a certeza de que não se esquecia de nada. Tirou a mala da gaveta mais baixa da secretária, pendurou-a no ombro, pôs todas as outras coisas debaixo do braço e fechou as luzes quando saiu.

Ao dirigir-se para o carro sentiu-se algo desapontada, pois verificou que Miles já se tinha ido embora. A repreender-se intimamente por causa de tais pensamentos, recordou a si mesma que um viúvo como Miles não estaria certamente a alimentar ideias semelhantes acerca da professora do seu filho pequeno.

Sarah Andrews nem fazia ideia de quanto estava enganada.

À luz fraca do meu candeeiro de secretária, os recortes de jornais parecem mais velhos do que são. Mesmo amarelos e amarrotados, têm para mim um aspecto estranhamente pesado, como se recaísse sobre eles todo a carga da minha responsabilidade no caso.

Na vida há umas quantas verdades simples e esta é uma delas. Quando uma jovem tem uma morte trágica, a história desperta sempre interesse, especialmente numa cidade pequena, em que as pessoas parecem conhecer-se todas.

A morte de Missy Ryan foi assunto de primeira página e, quando os jornais foram abertos na manhã do dia seguinte, ouviram-se solutos nas cozinhas de toda a cidade de Neiu Bern. Havia um artigo de fundo e três fotografias: uma do acidente e outras duas que mostravam Missy como a bela mulher que ela tinha sido. Nos dias seguintes foram publicados mais dois artigos extensos e, de início, toda a gente estava confiante de que o caso havia de ser resolvido.

Mais ou menos um mês depois, apareceu outro artigo na primeira página, onde era indicada uma recompensa, oferecida pelo conselho municipal, para qualquer informação sobre o caso; e, com ele, a confiança começou a desvanecer-se. Como é normal com todas as notícias, também a do acidente perdeu interesse. Os habitantes da cidade deixaram de comentar o caso com tanta frequência, o nome de Missy passou a ser cada vez menos pronunciado. Mais tarde, ainda apareceu outro artigo, desta vez na terceira página, onde se repetia tudo o que havia sido afirmado nas prosas precedentes e se voltava a pedir a todos os membros da comunidade que informassem as autoridades de qualquer pormenor que julgassem de interesse. Depois deste artigo, não houve mais nada.

Todos os artigos tinham seguido o mesmo padrão: resumo de tudo o que tinha sido apurado como verdadeiro e apresentação dos factos numa prosa simples e directa. No final da tarde de um quente dia do verão de 1986, Missy Ryan - que desde os tempos do liceu tinha sido o amor da vida de um polícia da cidade e era mãe de um filho pequeno - foi correr um pouco, perto do anoitecer. Minutos depois de ter começado, foi vista por duas testemunhas a correr pela Madame Moore's Lane; cada uma delas tinha sido mais tarde interrogada pela polícia de trânsito. O resto dos artigos referia-se aos acontecimentos daquela noite. Contudo, nenhum deles fazia menção à forma como Miles passou as últimas horas até que, finalmente, o informaram do que tinha acontecido.

Nunca tive dúvidas de que Miles nunca mais poderá esquecer aquelas horas, pois foram as últimas horas de normalidade de que se pôde mais tarde recordar. Limpou os caminhos que conduziam à entrada e à garagem, como Missy lhe tinha pedido, e entrou em

casa. Andou a cirandar pela cozinha, passou algum tempo com Jonah e acabou por se deitar. O mais provável é que olhasse para o relógio quase de minuto a minuto, passada que foi a hora em que Missy devia ter regressado a casa. De início, poderá ter suscitado de que a mulher teria ido visitar alguém que conhecesse do emprego, uma coisa que fazia com frequência, e repreendeu-se a si próprio por estar a imaginar o pior.

Os minutos transformaram-se numa hora, depois em duas, e Missy sem ter regressado. Por essa altura, Miles estava suficientemente preocupado para telefonar a Charlie. Pediu-lhe que mandasse investigar o percurso habitual das corridas de Missy, pois Jonah já estava a dormir e não queria deixá-lo sozinho, a menos que a saída fosse imprescindível. Charlie prontificou-se a agir de imediato.

Passada uma hora - durante a qual Miles só parecia ouvir evasivas das pessoas a quem ia pedindo informações - Charlie bateu-lhe à porta. A mulher, Brenda, tinha vindo com ele, para poder ficar com Jonah; deixou-se ficar atrás do marido, com os olhos vermelhos de choro.

- É melhor vires comigo - disse Charlie com calma. - Houve um acidente.

Tenho a certeza de que Miles, pela expressão do chefe, soube logo o que Charlie estava a tentar dizer-lhe. O resto da noite foi um terrível pesadelo.

O que nem Miles nem Charlie sabiam, o que as investigações acabariam por revelar, era que não havia testemunhas do atropelamento, seguido de

54

fuga, que tinha roubado a vida a Missy. E também não apareceu ninguém que se confessasse culpado. A polícia de trânsito passou o mês seguinte a interrogar e a investigar todas as pessoas residentes na zona; procuraram qualquer prova que pudesse conduzir a uma pista, espreitaram por baixo de todo os arbustos, avaliaram todas provas recolhidas no local do acidente, andaram pelos bares e restaurantes locais a perguntar se algum cliente parecera embriagado e tinha saído por altura do acidente. No final, o acidente deu lugar a um dossier pesado e volumoso, que registava tudo o que tinha sido averiguado e que, no essencial, pouco acrescentava àquilo que Miles tinha sabido no momento em que tinha aberto a porta e vira Charlie na entrada da casa.

Com 30 anos de idade, Miles Ryan estava viúvo.

No carro, as recordações do dia em que Missy morreu voltaram ao espírito de Miles, em pequenos pedaços soltos, como tinha acontecido antes, quando tinha percorrido a Madame Moore's Lane para ir almoçar com Charlie. Porém, desta vez, em vez de o fazerem dar voltas infinitas ao mesmo tema - o dia passado na pesca e a discussão subsequente com Missy - as memórias levaram-no a pensar em Jonah e em Sarah Andrews.

Com a mente assim ocupada, nem saberia dizer quanto tempo rodaram em silêncio, mas foi o suficiente para Jonah ficar nervoso. Enquanto esperava que o pai se decidisse a falar, começou a imaginar os castigos que poderia ter de suportar, cada um pior do que o precedente. Continuou a fechar e a abrir o fecho de correr da mochila até que, finalmente, Miles estendeu o braço e poisou a mão na cabeça para o obrigar a parar com aquilo. Contudo, o pai continuava calado e, quando acabou por reunir a coragem suficiente, Jonah olhou para Miles com os olhos bem abertos que pareciam prestes a encher-se de lágrimas.

- Papá, estou metido num sarilho?

- Não.

- Estiveste muito tempo a falar com Miss Andrews.

- Tínhamos muitas coisas a dizer.

Jonah engoliu em seco. - Falaram da escola?

Miles acenou que sim e Jonah voltou a concentrar-se na mochila, sentindo um nó no estômago e com vontade de ter as mãos novamente ocupadas. - Estou metido num grande sarilho - murmurou.

56

Minutos depois, sentado num banco da esplanada da Dairy Queen, Jonah estava a acabar um cone de gelado, com o braço do pai a rodear-lhe os ombros. Já estavam a falar há dez minutos e, pelo menos naquilo que preocupava Jonah, a situação não era, nem de perto, tão má como ele tinha pensado que fosse. O pai não tinha levantado a voz, não o tinha ameaçado, não tinha sido repreendido, o que era o melhor de tudo. Em vez disso, Miles tinha-se limitado a fazer-lhe perguntas acerca dos antigos professores e dos trabalhos escolares que eles lhe mandavam - ou não mandavam - fazer; Jonah foi honesto e explicou que, uma vez que se tinha atrasado, a vergonha não lhe permitia pedir ajuda. Falaram das matérias em que ele tinha dificuldades - praticamente todas, como Sarah tinha dito - e Jonah prometeu que a

partir dali ia esforçar-se mais. Miles também disse que o ia ajudar e que se tudo corresse bem, ele recuperaria em pouco tempo. No geral, Jonah estava feliz com o que se tinha passado.

Só não percebera que o pai ainda não tinha acabado.

- Mas, como estás tão atrasado - continuou Miles, com voz calma -, tens de passar a ficar na escola em certos dias da semana, para que Miss Andrews te possa dar uma ajuda.

Jonah precisou de algum tempo para perceber todo o alcance da ideia.

- Depois da hora de saída?

Miles acenou que sim. - Ela diz que assim podes recuperar mais depressa.

- Pensei ouvir que eras tu que me ias ajudar.

- Ouviste bem, mas não posso ajudar-te todos os dias. Tenho de trabalhar, por isso Miss Andrews decidiu ajudar também.

- Mas, depois da saída? - perguntou de novo, com um certo ar de vítima.

- Três dias por semana.

- Mas... papá - deitou o resto do cone de gelado no recipiente do lixo. - Mão quero lá ficar depois da hora de saída.

- Não te perguntei se querias. Além disso, já me devias ter informado de que estavas a sentir dificuldades. Se mo tivesses dito, bem poderias ter evitado uma situação como esta.

Jonah franziu a testa. - Mas, papá...

57

- Ouve lá, eu sei que há um milhão de coisas que preferias fazer, mas vais ter de fazer isto durante um tempo. Não tens escolha, pensa apenas que as coisas podiam ser bem piores.

- Cooomo? - perguntou, como se estivesse a cantar a primeira sílaba, o que fazia sempre que não queria acreditar naquilo que Miles lhe estava a dizer.

- Bem, ela podia ter decidido que também queria trabalhar contigo durante os fins-de-semana. Se tivesse decidido isso, não conseguirias tempo para ires jogar futebol.

Jonah inclinou-se para diante, a descansar o queixo nas mãos. - Está bem - acabou por dizer, suspirando, mal-humorado -, eu faço isso.

Miles sorriu, a pensar que ele também não tinha outro remédio.

- Obrigado, campeão.

Mais tarde, no final do serão, Miles estava inclinado por cima da cama do filho, a ajeitar-lhe a roupa. Jonah tinha os olhos pesados de sono e o pai alisou-lhe o cabelo com a mão antes de lhe beijar a face.

- É tarde. Vê se dormes.

Parecia tão pequeno ali na cama, tão contente. Miles verificou se a luz nocturna do filho estava acesa e levou a mão ao interruptor que estava ao lado da cama. Jonah abriu os olhos com esforço, embora fosse evidente que não os teria abertos por muito tempo.

- Papá?

- O que é?

- Obrigado por hoje não te teres zangado muito comigo.

Miles sorriu. - Não tens de quê.

- E, papá?

- O que é agora?

Jonah destapou a mão para limpar o nariz. O urso de pelúcia que Missy lhe tinha dado quando fez três anos estava perto da almofada. Continuava a dormir com ele todas as noites.

- Estou feliz por a Miss Andrews me querer ajudar.

- Ai estás? - perguntou, surpreendido.

- Ela é simpática.

Miles apagou a luz. - Também acho que sim. Agora vais dormir, está bem?

58

- Está bem. E, papá?

- O que foi?

- Adoro-te.

Miles sentiu um nó na garganta. - Jonah, eu também te adoro.

Horas mais tarde, um pouco antes das 4 da manhã, Jonah voltou a ter pesadelos. Semelhante ao grito de alguém que se desequilibrou de um penhasco, o lamento dolorido de Jonah provocou o despertar imediato de Miles. Meio cego de sono, saiu do quarto aos tropeções, quase se estatelou por causa de um brinquedo abandonado e ainda estava a tentar concentrar-se quando estendeu os braços para levantar o rapaz, que continuava a

dormir. Começou a falar com ele de mansinho e a dirigir-se para o alpendre das traseiras, o único lugar onde sabia que ele se acalmava. Passados uns momentos, os soluços deram lugar a uma espécie de lamúria e Miles deu graças não só por a casa estar implantada num hectare de terreno como também por a vizinha mais próxima - Mrs. Knowlson - ser um bocado dura de ouvido.

No ar nevoento e húmido da manhã, Miles continuou a embalar o filho e a falar-lhe de mansinho ao ouvido. A Lua projectava a sua luminosidade baça sobre a corrente lenta do rio, que parecia uma estrada de luz reflectida. Com as ramadas baixas dos carvalhos e os troncos dos ciprestes com uma faixa branca pintada alinhados ao longo das margens, o ambiente era calmante, de uma beleza sem idade. O esvoaçar das cantáridas era mais um elemento para reforçar a ideia de que esta parte do mundo não tinha mudado muito no decurso dos últimos milhares de anos.

Quando Jonah recomeçou a dormir normalmente, quase às 5 horas da manhã, Miles convenceu-se de que não ia conseguir adormecer de novo. Em vez de voltar para a cama, foi à cozinha e começou a fazer café. Sentado à mesa, esfregou os olhos e a cara, para restabelecer a circulação sanguínea depois do frio que apanhara lá fora, e olhou pela janela. No horizonte, o céu começava a apresentar o brilho acinzentado do amanhecer, cujos raios eram coados através da ramaria das árvores.

Começou uma vez mais a pensar em Sarah Andrews.

Não lhe restavam dúvidas de que se sentia atraído por ela. Até onde podia recordar-se, não reagira daquela forma perante nenhu-

59

ma outra mulher. Certamente que se sentira atraído por Missy, mas isso tinha sido há quinze anos. Numa outra vida. E nem se dera o caso de não se sentir apaixonado por Missy durante os poucos anos que durara o seu casamento, porque existia amor entre eles. Mas, por qualquer motivo, a atracção que agora sentia era diferente. A paixão que tinha sentido quando viu Missy pela primeira vez - o desejo desesperado do adolescente de saber tudo acerca dela fora, ao longo dos anos, substituído por sentimentos mais profundos e mais amadurecidos. Com Missy, não houve surpresas nenhuma. Conhecia o aspecto dela quando saía da cama pela manhã, tinha visto a exaustão vincada em cada um dos seus traços depois de dar o filho à luz. Conhecia-a - os sentimentos, os medos, as coisas de que gostava e as de que não gostava. Mas esta atracção por Sarah sabia a... novo, além de o fazer sentir-se também novo, com a

sensação de que tudo era possível. Nunca se tinha apercebido da falta que aquele sentimento lhe estava a fazer.

E agora, ia suceder o quê? Essa era a parte onde ele não tinha certeza de nada. Não podia prever o que se ia passar com Sarah, se é que se ia passar alguma coisa. Não sabia nada dela; no fundo, podiam nem ser compatíveis. Estava perfeitamente consciente de que havia mil coisas capazes de matar uma relação.

Mesmo assim, tinha-se sentido atraído por ela...

Miles abanou a cabeça, tentando afastar aqueles pensamentos para longe. Não havia razão para esgrimir com eles, excepto na parte em que lhe tinham vindo recordar uma vez mais que queria começar tudo outra vez. Estava novamente desejoso de encontrar alguém; não queria viver sozinho para o resto da vida. Havia pessoas, sabia-o, capazes de viverem assim. Havia pessoas, ali na cidade, que haviam perdido o cônjuge e não tinham voltado a casar, mas ele não era assim, nunca fora. Durante o tempo em que esteve casado nunca teve a sensação de estar a perder coisa nenhuma. Não olhava para os seus amigos solteiros com inveja, não desejava a vida que eles levavam - namorar, andar no engate, começar e acabar namoros, com a mesma regularidade do início e do fim das estações do ano. Ele não era assim. Adorava a situação de marido, adorava ser pai, adorava a estabilidade da vida de família e queria desfrutá-la de novo.

60

Mas provavelmente não iria conseguir...

Miles respirou fundo e voltou a olhar pela janela. Mais luz no céu baixo, mas ainda escuro nas alturas. Levantou-se e passou pela sala, para ir espreitar o filho, ainda adormecido, e abriu a porta do seu próprio quarto. A semiobscuridade da madrugada já dava para ver as fotografias, que ele mesmo tinha emoldurado, em cima da cómoda e da mesa-de-cabeceira. Embora a luz não permitisse distinguir as feições, não precisava de as ver claramente para saber quem eram os fotografados: Missy, sentada no alpendre das traseiras, a segurar um ramo de flores silvestres; Missy e Jonah, em grande plano, rindo abertamente; Missy e Miles a descerem a vereda...

Entrou e sentou-se na cama. Perto da fotografia estava o dossier cheio de informações que tinha compilado sozinho, fora das horas normais de serviço. Como a polícia local não tinha jurisdição sobre acidentes de trânsito - e mesmo que tivesse ele não seria autorizado a tomar parte nas investigações - tinha seguido as pegadas da polícia de trânsito,

entrevistara as mesmas pessoas, tinha feito as mesmas perguntas, à procura de pistas no emaranhado das informações. Conhecedores do sofrimento dele, as pessoas não se tinham recusado a cooperar, mas no final não ficou a saber mais do que os investigadores oficiais. Mesmo sem conclusões, o dossier nunca saía da mesa-de-cabeceira, como a desafiar Miles a descobrir quem guiava o automóvel fatal naquela noite.

Mas não era provável que o viesse a descobrir, nunca mais, por muito que ele quisesse punir a pessoa que lhe tinha arruinado a vida. E não tinha dúvidas nenhuma: era exactamente isso que pretendia fazer. Queria fazer tudo para que o culpado fosse duramente castigado pelo crime que tinha cometido; era o seu dever, como marido e como pessoa que tinha jurado fazer cumprir a lei. Olho por olho - não é o que a Bíblia diz?

No momento, como sucedia em muitas manhãs, Miles ficou a olhar o dossier sem se dar ao trabalho de o abrir, mas imaginando como seria o culpado, recordando sempre os mesmos cenários e começando sempre pela mesma pergunta.

Se fora um acidente, porquê fugir se não tinha feito nada de ilegal?

61

A única razão que lhe ocorria era o estado de embriaguez do condutor, alguém que teria estado numa festa, ou alguém que tinha o hábito de beber demasiado nos fins-de-semana. Um homem, provavelmente na casa dos 30 anos, ou dos 40. Embora não dispusesse de provas que sustentassem esta tese, era assim que ele via sempre o quadro. Em espírito, Miles via-o estrada fora aos ziguezagues, com velocidade excessiva e a torturar o volante, a cabeça a processar tudo em câmara lenta. Quando avistou Missy, no segundo anterior ao atropelamento, talvez estivesse a tentar abrir outra lata de cerveja, ou a querer agarrar a sanduíche que levava presa nas pernas. Ou talvez nem chegasse a vê-la. Talvez só tivesse ouvido a pancada e sentisse o carro desviar-se com o choque. Mesmo então, o condutor não entrou em pânico. Não deixou marcas de travagem no pavimento, mesmo que tenha parado o carro para ver o que tinha acontecido. As provas - informação que nunca apareceu em qualquer dos artigos de jornal - mostravam isso.

Nada feito.

Ninguém viu coisa nenhuma. Não circulavam outros carros naquele troço de estrada, nem apareceram luzes em nenhuma das casas ali à volta, não estava ninguém fora de casa, ninguém a passear o cão ou a regar o jardim. Mesmo embriagado, o condutor tinha tido conhecimento de que Missy estava morta e de que se arriscava a ser acusado de homicídio não

premeditado, pelo menos, talvez até de homicídio de segundo grau, se já tivesse cadastro. Acusação. Pena de prisão. A vida atrás das grades. Devem ter-lhe passado pela cabeça estes e outros pensamentos ainda mais assustadores, levando-o a fugir dali, antes que alguém o visse. E assim fizera, sem se preocupar sequer com os desgostos que teria provocado.

Tinha sido assim, ou alguém tinha atropelado Missy de propósito.

Algum psicopata, daqueles que matam por prazer. Tinha ouvido falar de pessoas assim.

Ou alguém que matara para se vingar de Miles Ryan?

Era polícia, tinha feito inimigos. Prendera pessoas e testemunhara contra elas. Tinha ajudado a meter muita gente na prisão.

Um de entre eles?

A lista não tinha fim, era um exercício de paranóia.

62

Havia um detalhe no acidente que parecia não se encaixar em nenhuma teoria e, com o passar dos anos, Miles colocou-lhe uma boa meia dúzia de pontos de interrogação. Tinha sabido dele quando o levaram ao local do acidente.

O estranho é que, quem quer que fosse ao volante daquele carro, tinha tapado o corpo de Missy com um cobertor.

Este facto nunca chegara ao conhecimento dos jornalistas.

Os investigadores ainda alimentaram a esperança de poderem saber a identidade do motorista através do cobertor. Não conseguiram nada. Era o tipo de cobertores que se encontram nos kits de emergência, vendido em embalagens standardizadas, com artigos diversos, em quase todos os fornecedores de peças para automóveis e supermercados espalhados pela região. O cobertor não conduzira a qualquer pista.

Mas... porquê?

Este era o pormenor que continuava a intrigar Miles.

Porquê cobrir o corpo, para fugir de seguida? Não fazia sentido. Quando falara com Charlie sobre o assunto, este tinha feito uma afirmação que nunca mais deixara de perseguir Miles: - Foi como se o condutor estivesse a tentar pedir desculpa.

Ou a querer fazer-nos seguir uma pista errada?

Miles não sabia em que acreditar.

Mas, por mais impossível que parecesse, e porque não tencionava desistir, ia acabar por descobrir o condutor. Então, e só então, poderia superar aquele desgosto.

63

6

No serão de sexta-feira, três dias depois do encontro com Miles Ryan, Sarah Andrews encontrava-se sozinha na sala de estar, a saborear o seu segundo copo de vinho, sentindo-se tão em baixo quanto uma pessoa se pode sentir. Mesmo sabendo que o vinho não podia fazer nada para a ajudar, também sabia que haveria um terceiro copo, que se seguiria a este segundo quando estivesse vazio. Nunca fora grande bebedora, mas o dia tinha sido arrasante.

De momento, queria apenas esquecer.

Por estranho que pudesse parecer, o dia nem havia começado mal. Tinha acordado bem-disposta e continuou bem-disposta durante o pequeno-almoço mas, depois disso, o dia tinha-se complicado rapidamente. Durante a noite, houve uma avaria no sistema de aquecimento de água do apartamento, pelo que tivera de tomar um duche frio antes de seguir para a escola. Chegada ali, verificou que três dos quatro alunos da fila da frente estavam constipados. Passaram o dia a tossir e a respirar na direcção dela, embora por vezes a tosse e os espirros fossem fingidos. Como o resto da turma pareceu querer imitá-los, não conseguiu fazer nem metade do que tinha planeado. Depois da saída dos alunos, tinha ficado a pôr em ordem algum do seu trabalho, mas quando, finalmente, chegou a altura de ir para casa, viu que um dos pneus do seu carro estava furado. Teve de pedir a ajuda do American Automobile Club, ficando uma hora à espera que eles aparecessem; por fim, quando se dirigia para casa, viu que o trânsito tinha sido cortado em algumas ruas e assim iria ficar durante todo o fim-de-semana; teve de ir arrumar o carro longe do

64

apartamento. Depois, para culminar aquele dia glorioso, recebeu a chamada de uma conhecida de Baltimore, para lhe comunicar que Michael tinha o novo casamento marcado para Dezembro.

Foi então que resolveu abrir a garrafa de vinho.

Agora que, finalmente, estava a sentir os efeitos do álcool, Sarah deu consigo a desejar que os homens do AAC se tivessem demorado um pouco mais a mudar a roda do carro, de modo que não estivesse em casa quando o telefone tocou. Não fizera amizade pessoal com aquela mulher - tinham-se encontrado em diversas festas, pois tratava-se de uma amiga da família de Michael - e não fazia ideia da razão que a levou a informar Sarah do que se estava a passar. E conquanto tivesse dado a informação com a conveniente mistura de simpatia e incredulidade, Sarah não pôde deixar de suspeitar que, mal acabasse de a avisar, a mulher ligaria logo para Michael para o informar da forma como Sarah tinha reagido. Graças a Deus, soubera manter a compostura.

Mas isso tinha acontecido dois copos de vinho antes, agora não estava a ser tão fácil. Não estava interessada em notícias sobre o Michael. Estavam divorciados, separados pela lei e por vontade mútua; ao contrário do que acontece com alguns casais divorciados, nunca mais falaram um com o outro, depois da última reunião no escritório do advogado, um ano antes. Na altura, tinha-se considerado feliz por se ver livre dele e assinara os papéis, sem uma palavra. Aquela espécie de apatia, originada por uma vaga sensação de que nunca tinha conhecido bem o marido, já tinha substituído a dor e a fúria iniciais. Depois disso, ele não telefonou nem escreveu; nem ela. Perdeu o contacto com a família dele, ele não mostrou interesse na dela. Em muitos aspectos, era como se nunca tivessem estado casados. Pelo menos, era disso que procurava convencer-se.

E agora ele ia casar-se outra vez.

Não devia ser coisa que a incomodasse. Não devia ter nada a ver com aquilo.

Mas tinha, além de também se incomodar. Dir-se-ia que estava mais triste pelo facto de se sentir incomodada com o casamento iminente do que aborrecida pelo facto de o ex-marido se ir casar novamente. Sempre soubera que Michael voltaria a casar-se; ele próprio lho tinha dito.

65

Foi a primeira vez que odiou alguém verdadeiramente.

Mas o ódio a sério, do tipo que faz o estômago revoltar-se, não era possível sem que existisse um laço emocional. Michael não seria tão odiado se, antes, não tivesse sido amado. Tinha imaginado, talvez ingenuamente, que seriam um casal eterno. Afinal, tinham feito os seus votos e prometido amar-se para sempre, além de ela descender de uma longa linha de casais que tinham feito isso mesmo. Os pais dela estavam casados há mais de trinta e

cinco anos; cada um dos casais de avós já andavam perto dos sessenta anos de matrimónio. Mesmo depois de começarem a ter problemas, Sarah acreditou que ela e Michael podiam seguir o exemplo dos pais e dos avós. Sabia que a tarefa não era fácil, mas, em toda a sua vida, nunca se sentira tão insignificante como no dia em que ele pusera de lado todos os seus votos, para se conformar com a opinião da família.

Mas, se já não se interessava nada por ele, também não deveria estar agora aborrecido...

Sarah bebeu o vinho que restava no copo e levantou-se do sofá, não querendo acreditar no que lhe estava a suceder. Já tinha virado aquela página. Se ele se arrastasse até junto dela, a implorar perdão, não o queria de volta. Nada do que ele pudesse dizer ou fazer a levaria a amá-lo de novo. Podia casar-se com quem lhe apetecesse; a ela, não fazia diferença nenhuma.

Já na cozinha encheu o copo pela terceira vez.

Michael ia voltar a casar-se.

Contra a sua vontade, sentiu que ia chorar. Não queria chorar mais, mas os sonhos antigos são persistentes. Quando pousou o copo, tentando recompor-se, colocou-o demasiado perto do lava-loiças; o copo tombou e caiu na bacia, de imediato reduzido a cacos. Inclinou-se para apanhar os cacos, picou-se e começou a sangrar de um dedo.

Um contratempo mais, num dia para esquecer.

Soltou um profundo suspiro e pressionou os olhos com força, usando as costas da mão, disposta a tudo para não chorar.

- Sentes-te bem, de certeza?

Com a multidão a empurrar de todos os lados, as palavras ora aumentavam ora diminuían de volume, como se Sarah tentasse ouvir alguém colocado muito longe dela.

66

- Mamã, digo-te, pela terceira vez, que estou bem.

Maureen estendeu a mão e afastou os cabelos da cara da filha. - É que te acho um pouco pálida, parece que estás a chocar uma doença qualquer.

- Só estou um bocado cansada, mais nada. Ontem trabalhei até tarde.

Por muito que não gostasse de mentir à mãe, Sarah não estava nada interessada em falar-lhe da garrafa de vinho da noite anterior. A mãe sentia e mostrava alguma

dificuldade em perceber o que levava as pessoas a beber, especialmente as mulheres, e se Sarah lhe dissesse que ainda por cima estivera sozinha, a mãe ficaria ainda mais preocupada, morderia o lábio e começaria a fazer uma série de perguntas a que Sarah não se sentia com disposição para responder.

Estava um belo dia de sábado e a zona da baixa abarrotava de gente. O Festival das Mães continuava a todo o vapor, pelo que Maureen decidira passar o dia a vasculhar as tendas e as lojas de antiguidades de Middle Street. Como Larry preferia assistir ao jogo de futebol entre as selecções dos estados da Carolina do Norte e do Michigan, Sarah tinha-se oferecido para fazer companhia à mãe. Pensou que poderia ter a sua piada, e provavelmente teria tido, não fosse uma dor de cabeça terrível, que nem a aspirina conseguiu aliviar. Enquanto falavam, Sarah esteve a inspeccionar uma moldura antiga que tinha sido restaurada com esmero, embora não suficiente para justificar o preço que pediam por ela.

- Numa sexta-feira? - perguntou a mãe.

- Tinha andado a adiar umas coisas e a noite passada pareceu-me tão adequada como outra qualquer.

A mãe inclinou-se um pouco mais, a fingir que estava a admirar a moldura. - Estiveste em casa toda a noite?

- Claro. Porquê?

- Porque eu liguei para ti umas poucas de vezes e o telefone tocou, tocou.

- Tirei o telefone da ficha.

- Então foi isso. Ontem, cheguei a pensar que tivesses saído com alguém.

- Quem?

Maureen encolheu os ombros. - Sei lá... com alguém.

67

Sarah olhou-a por cima dos óculos de sol. - Mamã, não vamos começar com isso de novo.

- Não estou a começar coisa nenhuma - respondeu, na defensiva. Depois, baixando a voz como se falasse para si mesma, continuou. - Só parti do princípio de que tinhas decidido sair. Costumavas sair muito, sabes isso muito bem...

Para além de ser capaz de se debater num poço sem fundo de preocupações, a mãe de Sarah também conseguia representar na perfeição o papel de mãe atormentada por sentimentos de culpa. Havia alturas em que Sarah precisava daquilo - uma pequena dose de

pena nunca fez mal a ninguém -, mas aquele não era um desses dias. A proprietária da tenda, uma mulher idosa sentada à sombra de um grande chapéu-de-sol, ergueu as sobrancelhas, obviamente a gozar a cena. A expressão de Sarah tornou-se mais sombria. Afastou-se da moldura e a mãe continuou a apreciação e, passado um momento, Maureen seguiu atrás dela.

- O que é que se passa?

O tom com que disse aquilo obrigou Sarah a parar e a olhar a mãe de frente. - Não se passa nada. Acontece apenas que não estou com disposição para ouvir as tuas preocupações a meu respeito. Para lá de um certo ponto, fico farta delas.

A boca da mãe entreabriu-se um pouco mas manteve-se assim. Vendo o olhar de desgosto dela, Sarah lamentou ter dito aquilo, mas já não havia nada a fazer. Pelo menos hoje.

- Olha, mamã. Não te devia ter respondido daquela maneira.

Maureen estendeu o braço e pegou na mão da filha. - Sarah, o que é que te preocupa? E, por esta vez, conta-me a verdade, pois eu conheço-te bem de mais. Aconteceu qualquer coisa, não foi?

Apertou ligeiramente a mão da filha e Sarah teve de desviar o olhar. Estavam rodeadas de pessoas estranhas, todas a tratarem das suas vidas, perdidas nas suas próprias conversas.

- Michael vai casar-se outra vez - disse, em voz baixa.

Quando se convenceu de que tinha ouvido bem, Maureen envolveu a filha num abraço prolongado, mas firme. - Ó Sarah... Lamento muito - murmurou.

Não havia mais nada a dizer.

68

Minutos depois, estavam sentadas no parque, num banco de onde se avistava a marina, situada no fim da rua onde as multidões continuavam a acotovelar-se. Tinham caminhado até ali, ao acaso; limitaram-se a caminhar até não poderem prosseguir, até arranjarem um lugar para se sentarem.

Falaram durante muito tempo, ou melhor, Sarah falou. Maureen disse pouco e ouviu muito, incapaz de disfarçar a preocupação que sentia. Abria muito os olhos, que ocasionalmente se enchiam de lágrimas; foi apertando a mão da filha, uma e muitas vezes.

- Ó... que coisa terrível - dizia, ao que parece pela centésima vez. - Que dia terrível.

- Foi o que me pareceu.
- Bom... ajudará alguma coisa se te disser que tentes ver o lado bom disso tudo?
- Mamã, não há nenhum lado bom.
- Com certeza que há.

Sarah olhou-a com cepticismo. - O quê?

- Bem, tens a certeza de que eles não vão viver aqui depois de casados. O teu pai enchia-os de alcatrão e penas.

Apesar da péssima disposição, Sarah não pôde deixar de rir. - Obrigadinha. Se o voltar a ver, podes ter a certeza de que o informo disso.

Maureen esperou um pouco. - Não estás a pensar nisso, pois não? Em vê-lo, quero dizer.

Sarah abanou a cabeça. - Não, a menos que não possa evitá-lo.

- Ótimo. Depois do que ele te fez, não devias.

Recostando-se no banco, a filha limitou-se a acenar com a cabeça.

- Olha lá, tens notícias recentes do Brian? - perguntou, para mudar de assunto. - Nunca está em casa quando telefono.

Maureen fez que não notou o desvio da conversa. - Falei com ele há uns dias, mas já te contei a conversa. Há ocasiões em que a última coisa que queremos é falar com os nossos pais. Não perde muito tempo ao telefone.

- Está a conseguir arranjar amigos?

- Certamente que sim.

Sarah olhou por cima da água, a pensar no irmão durante uns momentos. Acabou por perguntar: - E o papá, como é que está?

69

- Na mesma. Fez diversos exames no princípio da semana e parece-me bem. E não anda tão cansado como costumava.

- Continua a fazer exercício?

- Não tanto quanto devia, mas continua a prometer-me que vai levar as coisas a sério.

- Diz-lhe que eu disse que o exercício é indispensável.

- Eu digo-lhe. Mas sabes como ele é teimoso. Seria melhor que fosses tu a dizer-lhe. Se for eu, pensa logo que estou a resmungar com ele.

- E estás?

- É claro que não - apressou-se a dizer. - Mas preocupo-me com ele.

Lá em baixo, na marina, um grande barco à vela dirigia-se lentamente para o rio Neuse, pelo que ambas ficaram em silêncio, a observar a manobra. Dentro de um minuto, a ponte seria levantada para lhe permitir a passagem e as filas de carros de um e do outro lado começariam a alongar-se. Sarah já tinha aprendido a lição: se chegasse tarde a um encontro, podia sempre dizer que «tinha ficado presa na bicha da ponte». Todos os habitantes da cidade, dos médicos aos juízes, aceitariam a desculpa sem a porem em dúvida, só pelo facto de já lhes ter acontecido o mesmo.

- É bom ouvir-te rir de novo - murmurou Maureen passado um bocado.

A filha olhou-a de lado.

- Não fiques tão surpreendida. Houve um tempo em que não te rias. Muito tempo.

Tocou meigamente o joelho de Sarah. - Não deixes que o Michael te magoe mais, está bem? Não te esqueças de que voltaste essa página.

Sarah acenou de forma quase imperceptível e Maureen continuou o monólogo que, de tão repetido, a filha já conhecia quase de cor.

- Além disso, a vida continua. Um dia encontrarás alguém que te ame como tu...

- Mamããã...

Sarah interrompeu-a, alongando a palavra e a abanar a cabeça. Desde há muito que as conversas entre elas pareciam ter de acabar sempre assim.

70

Na segunda-feira, Jonah começou o processo de integração numa rotina que iria dominar a maior parte da sua vida durante os meses seguintes. Quando a campainha tocou, assinalando o fim oficial das aulas do dia, Jonah saiu juntamente com os amigos mas deixou a mochila dentro da sala. Sarah, como todos os outros professores, foi lá fora para ter a certeza de que os miúdos entravam nos automóveis e nos autocarros certos. Logo que todos os alunos entraram nos autocarros e depois de todos os automóveis partirem, Sarah dirigiu-se para o sítio onde Jonah estava. Olhava com olhos magoados a partida dos amigos.

- Está a parecer-me que preferias não ter ficado. É verdade?

Jonah acenou que sim.

- Não vai ser assim tão mau. Trouxe uns bolinhos de casa para tornar as coisas um pouco mais fáceis.

Ele ponderou o assunto. - Que espécie de bolinhos? - perguntou com ares cépticos.

- De chocolate. Quando andava na escola, a minha mãe dava-se dois ou três logo que eu chegava a casa. Dizia que era a minha recompensa por me portar tão bem.

- Mrs. Knowlson costuma dar-me fatias de tarte de maçã.

- Preferes que amanhã traga tarte?

- Nem pensar - disse com ar muito sério. - Os de chocolate são muito melhores. Ela apontou na direcção da escola. - `Bora. Pronto para começares?

72

- Acho que sim - murmurou. - Sarah estendeu-lhe a mão.

Jonah foi até junto dela. - Espere; também há leite?

i - Se queres, posso ir buscá-lo à cafetaria.

Satisfeito com a resposta, Jonah pegou-lhe na mão, ficou um momento a olhá-la e a sorrir, antes de se encaminharem para o edifício da escola.

À mesma hora em que Sarah e Jonah se encaminhavam de mãos dadas para a sala de aula, Miles Ryan abrigava-se por detrás do carro a empunhar o revólver de serviço, mesmo ainda antes de o eco do último disparo se deixar de ouvir. E tencionava ficar ali até perceber o que estava a passar-se.

Nada como um tiroteio para pôr a velha bomba a bater mais depressa. O instinto de sobrevivência nunca deixava de surpreender Miles, tanto pela sua intensidade como pela rapidez. A adrenalina pareceu entrar-lhe no sistema como se estivesse contida num frasco de soro gigante e invisível. Conseguia ouvir o bater do coração, tinha as palmas das mãos a escorrer em suor.

Em caso de necessidade, podia fazer uma chamada através do telefone da polícia e dizer que estava em dificuldades; num abrir e fechar de olhos, o local estaria cercado por todos os polícias do distrito. Mas, por enquanto, aguardava. Não tinha dúvidas

sobre o que ouvira, mas o som pareceu abafado, como se tivesse vindo do fundo da casa.

Se estivesse em frente de uma casa que soubesse habitada teria chamado, a calcular que as pessoas podiam ter perdido o domínio sobre qualquer questão doméstica. Mas à sua frente erguia-se a casa do Gregory, uma estrutura de madeira a cair de podre, nos arrabaldes de New Bern. Tinha vindo a decair ao longo dos anos e estava em completo abandono, como já estava no tempo em que Miles era garoto. Na maior parte do tempo, ninguém parecia preocupar-se com o velho casarão. O chão era tão velho e estava tão podre que podia desabar a qualquer momento, a chuva entrava à vontade pelos buracos do telhado. A estrutura já estava um pouco inclinada, como que à espera de uma rabanada de vento que a pudesse derrubar em qualquer altura. Embora New Bern não tivesse problemas graves com vadios, mesmo os que existiam

73

sabiam o suficiente para evitarem aquele lugar, pelo perigo que representava.

Mas hoje, e em pleno dia, ouviu o tiroteio recomeçar - não se tratava de uma arma de grande calibre, o mais certo era ser um .22 - e suspeitou que a explicação era simples, que não havia perigo para a sua integridade física.

Mesmo assim, não era estúpido ao ponto de arriscar. Abrindo a porta do seu lado, deslizou para o assento da frente e ligou o rádio, de modo que a sua voz soasse amplificada, suficientemente alta para que quem estivesse dentro da casa o pudesse ouvir.

Falou com voz calma, lentamente: - É a polícia. Se já acaba-

ram, gostaria que saíssem cá para fora para podermos conversar. E ficaria agradecido se atirassem as armas cá para fora.

Com este discurso, o tiroteio parou. Passados uns minutos, Miles viu uma cabeça espreitar por uma das janelas da frente. O rapaz não tinha mais de 12 anos.

- Não vai fazer fogo sobre nós, pois não? - gritou, obviamente assustado.

- Não, não faço. Mas ponham as armas à porta e saiam de maneira que eu os possa ver.

Durante cerca de um minuto, não se ouviu mais nada, como se os miúdos estivessem a ponderar a hipótese de fugirem dali. Não deviam ser maus, pensava Miles, apenas um pouco broncos para o mundo de hoje. Estava convencido de que preferiam fugir a deixar que ele os levasse para casa, onde teriam de enfrentar os pais.

- Cá para fora - disse Miles para o microfone. - Só quero conversar.

Finalmente, passado outro longo minuto, dois rapazes - o segundo uns anos mais novo do que o primeiro - espreitaram para fora da abertura onde antes era a porta principal. Movendo-se com

lentidão exagerada, pousaram as armas do lado de fora e, de mãos levantadas bem alto, saíram. Miles teve de reprimir o riso. Trémulos e pálidos, pareciam acreditar que de um momento para o outro iam servir de alvos para prática de tiro. Logo que eles desceram os

degraus partidos, Miles levantou-se, saiu do abrigo proporcionado pelo carro e pôs a arma no coldre. Quando o viram, os rapazes hesitaram por um momento e depois recomeçaram a avançar lenta-

74

A voz dele não admitia qualquer tipo de resposta. - Não é seguro andar por aqui aos tiros, tão perto da estrada. Além disso, é proibido. E aquilo não é lugar para miúdos. Pode cair de um momento para o outro e magoar quem estiver lá dentro. Ora, vocês

não querem que eu vá falar com os vossos pais, ou querem?

- Não, senhor.

- Então, vão deixar aquele mocho em paz? Quer dizer, se eu os deixar ir embora?

- Sim, senhor.

Miles ficou calado, a olhar para os dois, para mostrar que acreditava neles e depois acenou na direcção das casas mais próximas. - Vocês vivem ali?

- Sim, senhor.

- Vieram a pé ou trouxeram as bicicletas?

- Viemos a pé.

- Então, vamos fazer assim: vou buscar as vossas caçadeiras e vocês entram para o banco de trás. Dou-vos boleia até perto das casas e deixo-vos na rua. Não faço nada, por esta vez, mas se vos voltar a apanhar por aqui, vou dizer aos vossos pais que já vos tinha apanhado neste sítio e que vão ambos presos. Estamos entendidos?

Embora a ameaça os fizesse esbugalhar os olhos, ambos acenaram a mostrar-se agradecidos.

Depois de os largar, Miles encaminhou-se para a escola, desejoso de ver o filho. O rapaz gostaria de ouvi-lo contar o que se tinha passado, embora Miles estivesse, antes de mais, interessado em saber como é que tinha decorrido o dia.

E, embora não o confessasse, não deixava de se sentir entusiasmado com a perspectiva de ver outra vez Sarah Andrews.

- Papá - gritou Jonah, correndo para Miles. - O pai baixou-se para se pôr em posição de o agarrar quando ele saltou. Pelo canto do olho, viu que Sarah vinha a çaminhar na direcção deles, mas de

modo mais calmo. Jonah afastou-me um pouco para olhar o pai.

- Prendeste alguém hoje?

Miles sorriu e abanou a cabeça. - Até agora não, mas o dia ainda não acabou. Como é que correram as coisas aqui na escola?

76

- Bem. Miss Andrews deu-me bolinhos.

- Verdade? - perguntou, tentando não mostrar demasiada alegria por vê-la a aproximar-se.

- De chocolate. Dos bons.

- Óptimo, que mais podias tu desejar? - disse. - Mas como é que foi a explicação?

Jonah franziu a testa. - A quê?

- A ajuda que Miss Andrews te deu nos trabalhos escolares?

- Foi giro, fizemos jogos.

- Jogos?

- Eu depois explico - disse Sarah, juntando-se a eles -, mas pode dizer-se que começámos bem.

O som daquela voz fez Miles virar a cabeça, para a olhar de frente e voltar a sentir a mesma agradável surpresa. Vestia outra vez saia comprida e blusa, tudo simples, mas quando ela sorriu Miles sentiu a mesma sensação esquisita que já havia sentido durante o primeiro encontro entre ambos. Admirou-se por, da primeira vez, não se ter apercebido totalmente de como ela era bonita. Claro, tinha visto que era atraente e as mesmas feições que o tinham atraído ressaltaram de novo - o sedoso cabelo da cor do trigo maduro, a cara finamente esculpida, os olhos cor de turquesa - mas, por qualquer razão, hoje pareciam-lhe mais suaves, de expressão mais calorosa e quase familiar.

Pôs o filho no chão.

- Jonah, importas-te de esperar uns minutos no carro, para eu poder falar com Miss Andrews?

- Está bem - respondeu, bem-disposto. Então, para surpresa de Miles, Jonah voltou-se e abraçou Sarah - que correspondeu também com um abraço - e só então correu para o carro.

Depois de ele se ter afastado, Miles olhou-a com curiosidade. - Parece que os dois se estão a entender muito bem.

- Hoje passámos um bom bocado juntos.

- Bem me parece. Se soubesse que estavam a comer bolinhos e entretidos com jogos, não me teria preocupado tanto com ele.

- Tudo o que resulta é bom - respondeu ela. - Mas, antes que isso o preocupe demasia€, quero que saiba que os jogos envolvem leitura. Banda desenhada, Flash Gordon.

77

- Sabia que teria de haver mais qualquer coisa. Como é que ele vai?

- Bem. Tem muito que progredir, mas vai bem.

Fez uma pausa. - É um miúdo fantástico, sem dúvida nenhuma. Sei que já o tinha dito antes, mas não quero que pense isso pelo que está a suceder entre mim e ele. E é evidente que ele o adora.

Miles, comovido, limitou-se a responder: - Obrigado.

- Não tem de quê.

Quando Sarah voltou a sorrir, Miles voltou a cabeça, esperando que ela não percebesse o que ele estivera a pensar pouco antes e, ao mesmo tempo, com .a esperança que ela percebesse.

- Eh, antes que me esqueça, obrigada pela ventoinha - disse ela, depois de uma ligeira pausa, a referir-se à enorme ventoinha de tamanho industrial que ele tinha instalado na sala de aulas nesse dia, logo pela manhã.

- Não é para agradecer - murmurou, dividido entre o desejo de ficar e a vontade de escapar ao nervosismo que pareceu assaltá-lo bruscamente.

Mas, por momentos, nenhum deles disse nada. O silêncio embaraçoso persistiu até que Miles finalmente mexeu os pés e tartamudeou: - Bem... Parece que devo ir indo para casa.

- Muito bem.

- Temos que fazer.

- Muito bem - respondeu ela novamente.

- Tem mais alguma coisa para me dizer?

- De momento, não me ocorre mais nada.

- Então, está bem.

Parou, remexendo as mãos dentro dos bolsos. - Acho melhor levar o Jonah para casa.

Ela assentiu, muito séria. - Já tinha dito isso.

- Já nem me lembrava.

- Pois não.

Sarah ajeitou uma madeixa por detrás da orelha. Por razões que teria dificuldade em explicar, achava a despedida dele adorável, quase encantadora. Este era um homem diferente dos que conhecera em Baltimore, aqueles que se abasteciam nos Brooks Brothers e nunca pareciam sentir dificuldades para encontrarem as palavras

78

certas. Nos meses que se seguiram ao seu divórcio, pareciam ter-se tornado quase todos iguais, como cópias de cartão do homem perfeito.

- Bem, então obrigado - disse Miles, esquecido de tudo, excepto da necessidade de se pôr a andar dali. - Uma vez mais, obrigado.

Dito isto, voltou e dirigiu-se para o carro, chamando Jonah enquanto caminhava.

A última imagem que reteve foi a de Sarah de pé, no pátio da escola, com um sorriso levemente trocista nos lábios, a acenar um adeus na direcção do carro.

Nas semanas seguintes, Miles começou a desejar que as aulas terminassem para poder ver Sarah, a desejar esse momento com um entusiasmo que não sentia desde os seus dias de adolescente. Pensava nela com frequência e por vezes nas situações mais estranhas - no supermercado a escolher embalagens de costeletas de porco, parado nos semáforos, ao cortar a relva do jardim. Uma ou duas vezes, pensou nela enquanto tomava o duche da manhã e ficou a magicar quais seriam os seus hábitos matinais. Coisa mais ridícula. Comería papas de aveia ou torradas com doce? Depois do chuveiro, embrulhava-se numa toalha para se maquilhar ou vestia-se logo de seguida?

Por vezes tentava imaginá-la na sala de aulas, de pé, em frente dos alunos e com um giz na mão; outras vezes perguntava-se como é que ela passaria o tempo depois de cumprido o horário na escola. As conversas de circunstância a que se entregavam sempre que se viam não eram suficientes para satisfazer a curiosidade que sentia acerca dela. Não sabia nada do seu passado e, embora houvesse alturas em que desejava fazer-lhes perguntas, sentia-se intimidado pela simples razão de não saber como começar. Conversas como: «Hoje estivemos mais a aperfeiçoar a ortografia e Jonah saiu-se muito bem», diria ela, e o que é que Miles podia dizer em seguida? «Que bom. E a propósito de ortografia, diga: quando sai do banho costuma envolver a cabeça numa toalha?»,

Havia homens para quem aquelas coisas eram fáceis, mas o diabo é que ele não sabia nada do assunto. Uma vez, num momen-

79

to de coragem facilitado por umas cervejas, tinha estado quase a telefonar-lhe. Não tinha nenhuma razão para o fazer e, embora não fizesse a mais pequena ideia do que ia dizer, esperava ter uma inspiração qualquer, um clarão vindo do céu que o imbuísse de perspicácia e de simpatia. Imaginava-a a rir-se com o que ele diria, positivamente rendida ao seu encanto. Fora ao ponto de procurar o nome dela na lista telefónica e de marcar os três primeiros números, mas tinha desligado depois que os nervos o impediram de prosseguir.

E se ela não estivesse em casa? Não podia fazer nada para a deslumbrar se nem sequer estivesse em casa para atender o telefone, nem estava disposto a deixar as suas divagações registadas para a posteridade no atendedor de chamadas de Sarah. Podia, é claro, desligar antes que a chamada fosse encaminhada para o sistema de voice-mail, mas não seria essa uma reacção mais própria de um adolescente? E se acontecesse, longe fosse o agoiro, que ela estivesse em casa mas tivesse companhia? Bem sabia que essa era uma possibilidade que nunca podia ser posta de parte. Tinha ouvido coisas entre os outros homens solteiros do seu departamento que também se tinham apercebido do facto de ela não ser casada e, se eles sabiam, quantos outros saberiam também? Ali, as notícias corriam depressa e não passaria muito tempo sem que os solteiros começassem a rondar-lhe a porta, recorrendo à esperteza e à simpatia. Se não o tinham já feito.

Deus do Céu, estava a perder demasiado tempo.

Da próxima vez que pegasse no telefone não o largaria antes de marcar os dígitos todos.

Nessa noite, deitado na cama, dava voltas ao miolo, a tentar saber o que se passava consigo.

Numa manhã de sábado de finais de Setembro, cerca de um mês depois de ter conhecido Sarah Andrews, Miles encontrava-se no campo de jogos da H. J. Macdonald Junior High School a ver Jonah a jogar futebol. Com a possível excepção da pesca, Jonah gostava mais de futebol do que de qualquer outro divertimento. E tinha jeito. Missy sempre fora boa desportista, melhor do que Miles, e o filho herdara a agilidade e a coordenação de movimentos

80

da mãe. Do pai, como ele diria em jeito casual a qualquer pessoa, tinha herdado a velocidade. Em resultado destas heranças, Jonah era o terror do relvado. Dada a sua idade, Jonah não jogava mais do que metade do tempo, pois exigia-se que todos os jogadores da equipa jogassem o mesmo número de minutos. Contudo, Jonah marcava a maioria, quando não eram todos, dos golos de cada jogo. É certo que cada equipa era composta apenas de três jogadores, não era autorizada a presença de guarda-redes e metade dos miúdos não sabiam em que direcção é que deviam chutar a bola, mas, mesmo assim, a marca de 27 golos era

excepcional. Em quase todas as vezes que Jonah conseguia a bola, corria a todo o comprimento do campo e atirava para a rede.

Todavia, o sentimento de orgulho que Miles experimentava quando via o filho jogar era perfeitamente ridículo. Adorava estar a ver, saltava interiormente de alegria de cada vez que Jonah marcava, embora soubesse que aquilo não passava de um fenómeno passageiro e que não se podia deixar enganar. As crianças evoluem segundo ritmos diferentes e alguns dos miúdos treinavam com mais afinco. Jonah estava fisicamente mais evoluído e não gostava de treinar, pelo que ser apanhado pelos outros era apenas uma questão de tempo.

Mas, naquele dia, terminado o primeiro período de jogo, Jonah já tinha marcado quatro golos. No segundo período de jogo, com Jonah no banco, a equipa contrária marcou quatro golos e passou para a frente. Na terceira parte, Jonah marcou mais dois (o que elevou o seu total anual para 33) e um companheiro de equipa marcou outro. No início do quarto período de jogo, a equipa de Jonah estava a perder por 8-7, o que fez com que Miles cruzasse os braços e observasse a assistência, fazendo tudo para dar a entender que, sem a presença de Jonah em campo, a equipa não tinha quaisquer hipóteses de vencer.

Com os diabos, aquilo tinha a sua piada.

Miles estava tão imerso nos seus sonhos, que nem ouviu logo a voz vinda de perto do sítio onde ele estava.

- Fez alguma aposta para este jogo, ajudante Ryan? - perguntou Sarah enquanto se dirigia para ele, a sorrir abertamente. Parece que está um pouco nervoso.

81

- Não, não há aposta nenhuma. Só estou a apreciar o jogo.

- Pois bem, tenha cuidado. Já quase não tem unhas. Não me agradava nada que desse uma dentada num dedo; por acidente, sem dúvida.

- Não estava a roer as unhas.

- Agora não está - disse Sarah - mas estava.

- Penso que está a imaginar coisas - contrapôs ele, a tentar descobrir se ela estava outra vez a meter-se com ele. - Muito bem... - disse, levantando a pala do boné de basebol. - Não esperava vê-la por aqui.

De calções e óculos escuros, parecia mais jovem do que habitualmente.

- Jonah disse-me que tinha um jogo neste fim-de-semana e pediu-me que viesse vê-lo jogar.

- Há sim? - perguntou Miles, cheio de curiosidade.

- Na quinta-feira. Disse que eu ia gostar do jogo, mas fiquei com a impressão de que queria que eu o visse fazer uma coisa em que é bom.

Abençoado Jonah.

- Está quase a terminar. Perdeu a maior parte.

- Não sabia qual era o campo. Nunca imaginei que houvesse tantos jogos por aqui. Vistos de longe, todos estes miúdos se parecem uns com os outros.

- Eu sei. Por vezes até nós temos dificuldades para saber em que campo é que estamos a jogar.

O apito soou e Jonah chutou a bola para um companheiro de equipa. Mas a bola passou-lhe ao lado e saiu do campo. Alguém da outra equipa correu atrás dela e Jonah olhou na direcção do pai. Quando viu Sarah, fez-lhe um aceno entusiástico, que ela retribuiu. Então, colocando-se em posição, com um olhar determinado, Jonah esperou que a bola fosse recolocada em campo. Um momento depois, ele e todos os outros que estavam no campo corriam atrás da bola.

- E como é que ele vai? - perguntou Sarah.

- Está a fazer um bom jogo.

- O Mark diz que ele é o melhor jogador.

- Bem... - Miles não respondeu logo, fazendo o que podia para parecer modesto.

82

Sarah soltou uma gargalhada. - Mark não estava a falar de si. Jonah é que está ali a jogar.

- Eu sei isso - assentiu Miles.

- Mas pensa que ele é um ramo saído do velho tronco, não é?

- Bem... - repetiu ele, na falta de melhor resposta. - Sarah levantou uma sobrancelha, nitidamente a gozar a cena. Onde é que estaria aquele ser espirituoso e carismático com que ele tinha sonhado?

- Diga-me uma coisa. Jogou futebol em miúdo? - perguntou.

- Quando eu era miúdo nem se jogava futebol por estas bandas. Nesse tempo praticava os desportos tradicionais: futebol [americano], basquetebol, basebol. Mas, mesmo

que houvesse futebol, não penso que o tivesse escolhido. Alimento preconceitos contra desportos em que exigem que também se jogue a bola com a cabeça.

- Mas para o Jonah está bem, não é?

- É óbvio, desde que ele goste. Já alguma vez jogou?

- Não. Nunca fui grande atleta, mas na universidade comecei a praticar marcha.

Fui aliciada pela minha colega de quarto.

Ele lançou-lhe um olhar de descrença. - Marcha?

- É mais difícil do que parece, desde que se mantenha uma passada forte.

- Ainda pratica?

- Todos os dias. Faço um percurso com quase cinco quilómetros. É um bom exercício e permite que me descontraia. Devia experimentar.

- Com todo aquele tempo livre de que disponho?

- Claro. Por que não?

- Se fizesse cinco quilómetros, provavelmente estaria tão partido que nem conseguia sair da cama no dia seguinte. Isto é, se conseguisse chegar ao fim.

Ela olhou-o com ares de quem estava a avaliar-lhe as possibilidades. - Você consegue. Devia ter de deixar de fumar, mas deve conseguir.

- Eu não fumo - protestou Miles.

- Eu sei. Brenda disse-me.

Sorriu e passados momentos Miles não conseguiu resistir e sorriu também. Porém, antes que pudessem dizer mais alguma coisa, ouviram um rugido enorme e ambos se voltaram, a tempo de verem Jonah

83

sair do molho de jogadores, correr pelo campo e marcar outro golo, empatando o resultado. Enquanto os companheiros de equipa o rodeavam, em ruidosa comemoração, Miles e Sarah deixaram-se ficar de lado, ambos a baterem palmas e a gritarem o nome do mesmo miúdo.

- Gostou? - perguntou Miles. - Acompanhava Sarah ao carro, enquanto Jonah mais os amigos estavam na bicha para o balcão do bar. O jogo foi ganho pela equipa de Jonah e, terminada a partida, ele tinha corrido para Sarah a perguntar se ela tinha visto o golo dele. Quando ela disse que sim, Jonah ficou radiante e abraçou-a, antes de correr a juntar-se aos

amigos. Para sua surpresa, Miles viu-se completamente ignorado, embora o facto de Jonah gostar de Sarah, e vice-versa, o deixasse estranhamente satisfeito.

- Foi engraçado - admitiu ela. - Tenho pena de não ter assistido ao jogo todo.

À luz do sol da tarde, a pele dela brilhava graças ao bronzado que tinha conservado do Verão.

- Não faz mal. Jonah ficou positivamente deliciado por ter vindo.

Olhou-a de lado. - Então, o que é que vai fazer no resto do dia?

- Vou à baixa, lanchar com a minha mãe.

- Onde?

- No Fred & Claras, um pequeno café ao virar da esquina da rua onde vivo.

- Conheço o restaurante. É ótimo.

Chegaram junto do carro, um Nissan Sentra, e Sarah começou a remexer a mala, à procura das chaves. Durante a procura das chaves, Miles deu consigo a observá-la. Com os óculos de sol bem assentes no nariz, parecia-se mais com a rapariga da cidade, que era, do que com uma rapariga da província. Acrescentando a isso os calções de ganga bastante usados e as pernas compridas, Miles não tinha dúvidas em afirmar que ela não se parecia com nenhuma das professoras que tivera quando estava a crescer.

Por detrás deles, uma carrinha branca de caixa aberta começou a recuar. O condutor acenou e, depois de Miles ter devolvido o cumprimento, viu que Sarah estava a olhar para ele.

- Conhece aquele sujeito?

84

- Parece um bom plano - concordou.

Durante um longo momento nenhum deles disse nada, até que Sarah olhou o relógio: - Oiça, estou a ficar atrasada - desculpou-se. E Miles fez um aceno de cabeça.

- Sei que tem de se ir embora - anuiu, sem vontade de nenhuma de a ver partir, justamente agora. Queria saber tudo o que pudesse acerca dela.

O que queres dizer é que chegou a hora de a convidares para sair.

E nada de batotas desta vez. Sem desligar o telefone, sem inventar desculpas.

Atira-te de cabeça!

Sê homem!

Avança!

Inteiriçou-se, sabendo que estava pronto... mas... mas... como é que havia de fazer? Céus, tinha passado muito tempo desde a última vez em que se vira numa situação daquelas. Devia propor um jantar ou um almoço? Ou, talvez, uma ida ao cinema? Ou...? Enquanto Sarah se preparava para entrar no carro, ele continuava o trabalho mental de pesquisa da forma, a tentar que ela ficasse o tempo suficiente para ele conseguir encontrar a resposta. - Espere; antes de ir, gostava de lhe perguntar uma coisa - conseguiu dizer.

- Com certeza - respondeu, a olhá-lo com ar interrogativo.

Miles enfiou as mãos nos bolsos, como se tivesse um peso no estômago, a sentir-se de novo com 17 anos. Engoliu em seco.

- É que... - começou. A mente numa correria louca, com o motor na máxima rotação.

- O que é?

Sarah viu imediatamente o que viria a seguir.

Miles inspirou profundamente e disse a primeira, e a única, coisa que lhe ocorreu

- A ventoinha está a funcionar bem?

Ficou a olhar para ele, de expressão perplexa. - A ventoinha? - repetiu.

Miles sentiu-se mal, como se tivesse engolido uma tonelada de chumbo. A ventoinha? Que raio é que ele estava a pensar? Aquilo era tudo o que conseguia dizer?

86

Era como se, de súbito, o seu cérebro tivesse ido de férias, mas não era agora que iria parar, já não conseguia.

- Sim. Não está a ver... a ventoinha que comprei para a sala de aulas.

Ela nem conseguiu disfarçar a incredulidade da voz. - Está ótima.

- É que se não gostar dessa, posso arranjar uma outra.

Ela estendeu a mão e tocou-o num braço, com expressão preocupada. - Está a sentir-se bem?

- Estou, estou ótimo - disse com ar sério. - Só quis ter a certeza de que estava contente com ela.

- Pois estou. Arranjou uma boa ventoinha.

- Bom - concluiu, quase a rezar para que um raio descesse subitamente dos céus para o fulminar.

A ventoinha?

Ficou petrificado, a vê-la sair do parque de estacionamento, desejando poder atrasar o relógio e riscar da memória tudo o que tinha acontecido nos últimos minutos. Pretendia encontrar uma pedra bem grande, debaixo da qual pudesse desaparecer, um lugar suficientemente escuro onde pudesse esconder-se das pessoas para todo o sempre. Graças a Deus, ninguém tinha ouvido a conversa!

Com a excepção de Sarah.

O final da conversa não lhe saiu da cabeça durante o resto do dia, como se fosse uma daquelas canções que se ouve na rádio logo pela manhã.

Como é que a ventoinha está a funcionar?... Porque posso arranjar-lhe uma outra... Só queria ter a certeza de que estava contente com ela...

Que lembrança mais dolorosa, fisicamente dolorosa. E, por mais que tentasse fazer coisas muito diferentes durante aquela tarde, a recordação estava sempre lá, à espera de reaparecer para o humilhar. E no dia seguinte aconteceu a mesma coisa. Acordou com a sensação de haver qualquer coisa que não batia certo... qualquer coisa e zás! Lá voltou a recordação, para o torturar. Contraindo-se, a sentir outra vez aquele chumbo nas entranhas. E escondeu a cabeça debaixo da almofada.

87

8

- Então? Continua a gostar de cá estar? - perguntou Brenda. Era uma segunda-feira; Sarah e Brenda estavam sentadas à mesa de piquenique, a mesma onde, um mês antes, Miles e Sarah tinham estado a conversar. Brenda tinha trazido o almoço do Deli, na Rua Pollock, que, na opinião dela, fazia as melhores sanduíches de toda a cidade. - Assim, poderemos fazer uma visita - tinha dito, a fazer uma careta, antes de se dirigir apressadamente para o caramanchão.

Embora não fosse a primeira vez que tinham oportunidade de fazerem uma «visita», como Brenda chamava a estes encontros, as suas conversas haviam sido sempre relativamente breves e impessoais: onde estavam guardados os materiais, a quem é que precisava de se dirigir para conseguir um par de carteiras novas, coisas desse género. É certo que Brenda fora a primeira pessoa a quem Sarah pedira informações acerca de Jonah e Miles,

e como sabia que Brenda era amiga deles, percebia também que este almoço era uma tentativa da parte de Brenda para saber o que se estava a passar, se é que estava a passar-se alguma coisa.

- Está a perguntar em relação ao trabalho na escola? Tenho uma turma diferente em relação às que ensinei em Baltimore, mas estou a gostar.

- Ensinava no centro da cidade, não era?

- Trabalhei no centro de Baltimore durante quatro anos.

- E como foi?

Sarah desembrulhou a sanduíche. - Não tão mau como é provável que pense. Miúdos são miúdos, pouco interessando a terra

88

onde estão, especialmente quando são pequenos. A vizinhança podia ser difícil, mas há uma espécie de habituação e aprendemos a ser cautelosos. Nunca me vi metida em quaisquer sarilhos. E as pessoas com quem trabalhava eram magníficas. É fácil olhar para as pautas e pensar que os professores não se interessam, mas as coisas não são assim. Houve muitas pessoas que estimei deveras.

- Como é que decidiu vir trabalhar para aqui? O seu ex-marido também é professor?

A resposta foi breve: - Não.

Brenda viu a dor estampada nos olhos de Sarah por um fugaz momento; mas mal reparou nela, já a expressão se estava a desvanecer.

Sarah abriu a sua lata de Diet Pepsi. - É banqueiro de investimentos. Ou era... Não sei o que está agora a fazer. O nosso divórcio não foi exactamente amigável, se me faça entender.

- Lamento ouvir isso - respondeu -, e ainda fico mais aborrecida por ter trazido o assunto à baila.

- Não fique. Não sabia.

Fez uma pausa, antes de esboçar um sorriso lento, e perguntar: - Ou sabia?

Brenda arregalou os olhos. - Não. Não sabia nada disso.

Sarah ficou a olhá-la, a avaliar até que ponto podia confiar na negativa.

- Não sabia. De verdade - repetiu Brenda.

- Mesmo nada?

Brenda mexeu-se um pouco na cadeira. - Bem, talvez tenha ouvido uma coisa ou outra - admitiu timidamente, e Sarah riu-se com vontade.

- Bem me parecia. A primeira coisa que me disseram quando cheguei foi que a Brenda sabia tudo o que se passava por cá.

- Não sei tudo - disse a outra, a fingir-se indignada. - E, seja o que for que lhe tenham dito a meu respeito, eu não repito tudo o que sei. Se alguém me pedir que guarde um segredo, a minha boca não se abre.

Bateu com o dedo numa orelha e baixou a voz. - Sei coisas a respeito das pessoas que lhe fariam andar a cabeça à roda como se estivesse possessa e precisasse de um exorcismo. Mas o que me for dito como um segredo, permanece em segredo.

89

- Está a dizer-me isso para que eu tenha confiança em si?

- Pois é - respondeu. - Olhou à volta e inclinou-se um pouco mais. - Ora, diga lá.

Sarah sorriu e Brenda agitou uma das mãos no ar. - Estou a brincar; de verdade. E para o futuro, como trabalhamos juntas, não ficarei nada ofendida se me disser que fui demasiado longe. Por vezes, deixo escapar algumas perguntas sem pensar, mas não o faço para magoar as pessoas. Pode ter a certeza do que lhe digo.

- Isso para mim é suficiente - disse Sarah, satisfeita.

Brenda pegou na sua sanduíche. - E como é nova na cidade e ainda não nos conhecemos bem, não lhe vou perguntar nada que pareça demasiado pessoal.

- Fico-lhe grata por isso.

- Além disso, de qualquer maneira, não tenho nada a ver com o assunto.

Certo.

Brenda fez uma pausa, entre duas dentadas. - Mas se quiser saber alguma coisa acerca de qualquer pessoa, não se acanhe de perguntar.

- Muito bem - disse Sarah, a sentir-se muito à vontade.

- Quer dizer, eu sei o que custa ir morar para outra cidade e sentirmo-nos como se a olhássemos de fora.

- Tenho a certeza que sabe.

Por momentos, mantiveram-se caladas.

- Portanto... - Brenda deixou escapar a palavra e ficou na expectativa.

- Portanto... - respondeu Sarah, a saber exactamente onde a outra queria chegar.
Novo período de silêncio.

- Portanto... tem alguma pergunta a fazer-me sobre... alguém? - avançou Brenda.
Sarah fingiu que estava a pensar profundamente. Depois, abanando a cabeça, respondeu: - Na verdade, não tenho.

Brenda não conseguiu disfarçar o desapontamento. - Ó!

Sarah sorriu perante aquela tentativa de Brenda se mostrar subtil.

- Bom, talvez haja uma pessoa sobre quem gostaria de lhe fazer umas perguntas admitiu.

90

As faces de Brenda iluminaram-se. - Isso é que é falar - disse apressadamente. -
O que é que quer saber?

- Bem, tenho estado a pensar sobre...

Parou, fez marcha atrás, deixando Brenda a olhar para ela como uma criança a desembrulhar os presentes de Natal.

- Então? - sussurrou, parecendo quase desesperada.

- Bem... - Sarah olhou em volta. - O que é que me pode dizer sobre... Bob Bostrum?

Brenda deixou cair o queixo. - Bob... o porteiro?

Sarah acenou que sim. - Não o acha bonito?

Como que atingida por um raio, Brenda respondeu: - Ele tem 74 anos.

- É casado - perguntou Sarah.

- Está casado há 50 anos, tem nove filhos.

- Ó, que pena.

Brenda encarou-a de olhos esbugalhados e Sarah abanou a cabeça. Passado um momento, olhou para Brenda e piscou-lhe um olho. - Bem, parece-me que nesse caso só resta o Miles Ryan. O que é que me pode dizer acerca dele?

As palavras levaram algum tempo a produzir efeito, com Brenda a examinar Sarah com todo o cuidado. - Se não a conhecesse, diria que estava a caçoar comigo.

Sarah sorriu. - Não precisa de me conhecer: confesso-me culpada. Troçar das pessoas é uma das minhas fraquezas.

- E tem muito jeito para isso.

Brenda fez uma pausa, antes de sorrir. - Ora bem, já que estamos a falar de Miles Ryan... ouvi dizer que vocês os dois se têm encontrado com uma certa frequência. Não só depois de terminadas as aulas como também no fim-de-semana.

- Sabe que tenho estado a ajudar o Jonah, e o miúdo pediu-me para o ir ver jogar futebol.

- Nada mais do que isso?

Como Sarah não respondeu de imediato, Brenda continuou, desta vez com a expressão de quem sabe.

- Está bem... sobre Miles. Perdeu a mulher há uns anos, num acidente de viação. Atropelamento e fuga. Foi a coisa mais triste a que me foi dado assistir. Ele amava-a de verdade e, durante muito

91

tempo, nem parecia a mesma pessoa. Tinham-se namorado na escola secundária.

Pôs a sanduíche de lado. - O condutor do carro fugiu.

Sarah acenou com a cabeça. Já ouvira partes desta história.

- Ele ficou realmente abalado. Especialmente como agente da autoridade. Considerou o caso como um fracasso pessoal. Não foi apenas o facto de o caso ficar por esclarecer; o pior foi ele ter-se considerado responsável por isso. Depois desse pretense fracasso, afastou-se do mundo, como que fechando-se sobre si mesmo.

Brenda juntou as mãos ao ver a expressão de Sarah.

- Sei que parece terrível, e foi. Mas, ultimamente, tem-se parecido mais com a pessoa que era, como quem está a tentar sair novamente da concha, e posso dizer-lhe que fico muito feliz por voltar a vê-lo assim. É, de facto, um homem maravilhoso. É amável, é paciente, é capaz de ir até ao fim do mundo para agradar a um amigo. E, acima de tudo, adora o filho.

Hesitou.

- Mas? - acabou Sarah por perguntar.

Brenda encolheu os ombros. - Não há mas nenhuns, com ele não. É um bom tipo e não o digo apenas por gostar dele. Conheço-o há muito tempo. É um desses homens raros que, quando ama, ama com todo o coração.

Sarah concordou. - Isso é raro - disse, com ar sério.

- É verdade. E nunca se esqueça disso se você e Miles acabarem por se aproximarem um do outro.

- Porquê?

Brenda olhou para longe. - Porque - disse com simplicidade, - odiaria vê-lo magoado outra vez.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Sarah deu consigo a pensar em Miles. Sentiu-se comovida por ele ter pessoas que se preocupavam tanto com ele. Não familiares, mas amigos.

Sabia aquilo que Miles lhe tinha querido perguntar depois do jogo de futebol de Jonah. A maneira como ele tinha continuado a

92

conversa, sempre a aproximar-se um pouco mais, mostrava bem as suas intenções.

Porém, no final, a pergunta ficou por fazer.

Na altura, achou graça. O episódio tinha-a feito rir enquanto se afastava - mas não se ria de Miles; o que tinha mais graça era a maneira como ele fizera uma pergunta simples parecer tão difícil. Ele tentara, Deus era testemunha, mas, por qualquer razão, não tinha conseguido proferir as palavras. E agora, depois de falar com Brenda, parecia-lhe que compreendia.

Miles não tinha feito a pergunta porque não sabia como a havia de fazer. Em toda a sua vida, talvez nunca tivesse necessidade de se declarar a uma mulher - a esposa tinha sido a namorada da escola secundária. Sarah não acreditava que houvesse alguém assim em Baltimore, um homem na casa dos 30 anos, que nunca tivesse convidado uma mulher para jantar ou para irem ao cinema. Por estranho que pareça, estava maravilhada com o pormenor.

E talvez, admitia-o para si mesma, talvez ela não fosse assim tão diferente, o que lhe dava um certo conforto.

Tinha 23 anos quando começou a namorar com Michael, divorciou-se aos 27. Depois disso tinha saído umas poucas vezes, a última das quais com um tipo que se tinha mostrado um pouco impetuoso de mais. Mais tarde, disse a si mesma que não estava pronta para aventuras. E talvez não estivesse, mas o pouco tempo que tinha passado junto de Miles Ryan, servira para lhe lembrar que os últimos anos tinham sido tempos de solidão.

Durante as aulas, era-lhe quase sempre fácil evitar este tipo de pensamentos. De pé, em frente do quadro negro, conseguia concentrar-se inteiramente nos alunos, naqueles

rostos delicados que a fixavam com admiração. Com o tempo, começara a considerá-los os seus miúdos, e queria fazer tudo o que fosse possível para que eles tivessem todas as oportunidades de serem bem sucedidos na vida.

Hoje, porém, sentia-se distraída, não parecia ela, saiu logo que a campainha tocou, demorando-se lá fora, até que Jonah se aproximou para lhe pegar na mão e perguntar:

- Miss Andrews, está a sentir-se mal?
- Estou bem - respondeu, um pouco distraída.
- Não me parece muito bem.

93

Sarah sorriu. - Tens andado a falar com a minha mãe?

- Há?
- Não interessa. Estás pronto para começarmos?
- Trouxe uns bolinhos?
- Pois trouxe.
- Então vamos a isso.

Enquanto se encaminhavam para a sala, Sarah notou que Jonah não lhe largava a mão. Quando a apertava, ele correspondia ao aperto, a mãozinha dele toda encoberta pela sua.

Aquele gesto era quase o suficiente para dar sentido à sua vida.

Quase.

Quando Sarah e Jonah saíram da escola depois da sessão de estudo, viram Miles encostado ao carro, na posição que lhe era habitual, mas desta vez mal olhou para Sarah quando o filho correu para o abraçar. Depois de cumprida a rotina habitual - a troca de informações sobre o trabalho do pai e a escola do filho, por exemplo - Jonah entrou para o carro sem que ninguém o mandasse. Miles olhou para longe.

- A matutar nos métodos de manter os cidadãos em segurança, agente Ryan? Parece que está a tentar salvar o mundo inteiro - observou ela, a sorrir.

Ele abanou a cabeça. - Não, apenas um pouco preocupado.

- Nota-se.

Na realidade, o seu dia nem tinha sido assim tão mau. Até que teve de encarar Sarah. Quando ia buscar o filho, tinha rezado para que ela estivesse esquecida da figura ridícula que ele fizera dias antes, depois do jogo de futebol.

- Como é que o Jonah se portou hoje? - perguntou, a tentar manter aqueles pensamentos à distância.

- Teve um dia esplêndido. Amanhã vou dar-lhe uns cadernos de exercícios que parecem estar a ser realmente úteis. Vou marcar as páginas para si.

- Está bem - foi tudo o que conseguiu dizer. - Quando ela lhe sorriu, mudou o peso de um pé para o outro, a pensar como ela parecia adorável.

E bem gostaria de saber o que ela pensaria dele.

94

Forçou-se a meter as mãos nas algibeiras.

- Achei o jogo divertido - disse Sarah.

- Ainda bem.

- Jonah perguntou-me se vou voltar a vê-lo jogar. Não se importa que eu vá, pois não?

- Não, de maneira nenhuma. Mas não sei a que horas é que ele joga. O programa está lá em casa, em cima do frigorífico.

Sarah olhou-o com cuidado, a tentar adivinhar a razão daquele distanciamento súbito. - Se prefere que eu não vá, é só dizer.

- Não, está tudo bem. Se Jonah lhe pediu que fosse vê-lo, faça o favor de ir. Desde que queira, bem entendido.

- Tem a certeza?

- Tenho. Amanhã digo-lhe a hora do jogo.

Então, antes que ela pudesse detê-lo, acrescentou: - Além do mais, eu também gostaria que fosse.

Não esperava dizer aquilo. Sem dúvida queria dizer o que disse. Mas ali estava ele outra vez, naquela tagarelice sem sentido...

- Gostava? - perguntou Sarah.

Miles engoliu em seco. - Sim - disse, fazendo o que podia para não estragar tudo outra vez. - Gostava.

Sarah sorriu. Algures, dentro de si, sentiu um certo prazer antecipado.

- Então, vou de certeza. Mas há uma coisa...

E agora, o que .Terá.

- Que coisa?

Sarah olhou-o de frente. - Lembra-se de quando me fez aquela pergunta acerca da ventoinha?

Ao ouvir a palavra ventoinha, todos os pensamentos do fim-de-semana retornaram em força, como se alguém o tivesse socado no estômago.

- Lembro-me - respondeu cautelosamente.

- Também estou livre às sextas-feiras à noite, se estiver interessado.

Só precisou de uma fracção de segundo para perceber o significado daquelas palavras.

- Estou interessado - disse, a rir-se e a mostrar os dentes todos.

95

Durante o serão de quinta-feira - uma noite antes do Dia-D, como ele tinha começado a referir-se mentalmente ao dia da saída com Sarah - Miles e Jonah estavam deitados em cima da cama, partilhando um livro entre os dois, de forma a que cada um pudesse ler uma página de cada vez. Estavam encostados às almofadas, com os cobertores arredados. Jonah ainda tinha o cabelo húmido do banho e Miles estava a apreciar o cheiro do champô que o filho tinha usado. Era um odor doce e puro, como se tivesse lavado mais do que a simples sujidade.

Quando Miles ia a meio da leitura de uma página, Jonah olhou-o inesperadamente e perguntou: - Sentes falta da mamã?

O pai pousou o livro e pôs um braço à volta dos ombros da criança. Havia alguns meses que ele não mencionava o nome de Missy, sem que fosse para responder a qualquer pergunta.

- Pois sinto.

Jonah arrastou o tecido do pijama, fazendo com que dois camiões dos bombeiros chocassem de frente. - Pensas nela?

- Nunca deixei de pensar - respondeu.

- Também penso nela - disse Jonah com voz calma. - Às vezes, quando estou na cama... - Olhou o pai com ar sério. Aparecem aquelas imagens na minha cabeça...

Baixou de novo os olhos.

- É assim uma espécie de filme?

- Parece. Mas não é. É mais como uma fotografia, percebes? Mas não consigo vê-la sempre.

96

Miles puxou o filho mais para si. - Isso deixa-te triste?

- Não sei. Às vezes.

- Não faz mal que fiques triste. Toda a gente fica triste uma vez por outra. Até eu.

- Mas tu já és crescido.

- Os crescidos também têm tristezas.

Jonah pareceu ficar a ponderar aquelas ideias enquanto fazia os camiões chocarem de novo. O tecido macio de flanela era enrugado e esticado sem descanso.

- Papá?

- Diz?

- Vais casar com Miss Andrews?

Miles enrugou a testa. - Ainda não pensei verdadeiramente nisso - respondeu com sinceridade.

- Mas vais sair com ela, não vais? Isso não quer dizer que os dois se vão casar?

Miles não pôde deixar de sorrir. - Quem é que te disse uma coisa dessas?

- Alguns dos miúdos mais velhos lá da escola. Dizem que primeiro se sai para namorar e depois se casa.

- Bem - respondeu o pai -, eles têm alguma razão, mas também estão enganados, de certa maneira. Só pelo facto de ir jantar com Miss Andrews não quer dizer que vá casar com ela. Quer dizer que ambos desejamos conversar durante algum tempo, para podermos conhecer-nos melhor. Por vezes os crescidos gostam de fazer coisas dessas.

- Porquê?

Acredita-me, meu filho, dentro de uns anos verás que faz sentido.

- Porque fazem. A modos que gostam... bem, sabes como é quando brincas com os teus amigos? Quando dizem piadas uns aos outros, riem-se e sentem-se felizes? Namorar é isso.

- Ó - exclamou Jonah. - Parecia mais curioso do que é normal numa criança de 7 anos. - Vão falar de mim?

- É provável que falemos um pouco. Não te preocupes. Só falaremos de coisas boas.

- Que coisas?

97

- Bem, talvez falemos do jogo de futebol. Ou talvez eu lhe conte que és muito bom na pesca. Falaremos acerca da tua inteligência...

De imediato, Jonah ficou de cenho carregado. - Eu não sou inteligente.

- Claro que és. És muito inteligente e Miss Andrews sabe isso tão bem quanto eu.

- Mas eu sou o único da minha turma que tem de ficar na escola depois do toque da campainha.

- Pois tens, mas isso não tem mal nenhum. Quando era da tua idade, também tinha de ficar mais tempo na escola.

Aquilo pareceu despertar-lhe a atenção. - Verdade?

- Verdade. Só que não tive de fazer isso durante uns meses, tive de o fazer durante dois anos.

- Dois anos?

Miles acenou para dar mais ênfase ao que ia dizer. - Todos os dias.

- Uau - disse o filho -, devias estar realmente muito atrasado para teres de ficar dois anos.

A razão não foi essa, mas se isso te faz sentir melhor, não me importo de a aceitar.

- Tu és um garoto inteligente. Nunca te esqueças disso, está bem?

- Miss Andrews disse mesmo que eu sou inteligente?

- Diz-me isso todos os dias.

Jonah sorriu. - É uma boa professora.

- Penso que sim, mas fico muito satisfeito por também pensares o mesmo.

Jonah fez uma pausa e os dois carros dos bombeiros começaram a aproximar-se de novo.

- Achas que ela é bonita? - perguntou, com o ar mais inocente.

Meus Deus, de onde é que lhe vêm estas ideias todas?

- Bem...

- Eu acho que é bonita - declarou Jonah. - Levantou os joelhos e estendeu a mão para o livro, de forma a poderem retomar a leitura.

98

- Às vezes, parece que me faz lembrar a mamã.

Miles não conseguiu encontrar nada que dizer.

E o mesmo aconteceu com Sarah, embora num contexto completamente distinto. Teve de reflectir um momento, antes de poder encontrar as palavras que queria dizer.

- Não faço ideia, mamã. Nunca lhe perguntei.

- Mas ele é ajudante do xerife, certo?

- É... mas esse não é o género de coisas de que nos ponhamos a falar.

A mãe estava a pensar alto acerca da possibilidade de Miles já ter baleado alguém.

- Bem, só tive curiosidade de saber, percebes? Vemos todos aqueles espectáculos na TV, e com todas as coisas que actualmente aparecem nos jornais, não ficaria surpreendida. Trata-se de um emprego perigoso.

Sarah fechou os olhos e deixou-se ficar quieta. Desde o primeiro momento em que mencionara, por acaso, o facto de ir sair com Miles, a mãe telefonava-lhe várias vezes por dia, fazendo-lhe montes de perguntas, para a maioria das quais Sarah não conseguia encontrar resposta.

- Não me vou esquecer de lhe perguntar, em seu nome; acha bem?

A mãe inspirou profundamente. - Não, não faças isso! Odeio tomar atitudes que possam arruinar as possibilidades da tua vida.

- Mamã, não há nada para arruinar. Ainda nem saímos juntos.

- Mas disseste que ele era simpático, ou ouvi mal?

Sarah esfregou os olhos, cansada da conversa. - Sim, mamã. Ele é simpático.

- Muito bem, então não te esqueças de quanto é importante deixares uma boa impressão.

- Eu sei, mamã.

- E não deixes de ir bem vestida. Não me interessa o que esses magazines dizem; quando se vai sair com alguém, é importante que se tenha o aspecto de uma verdadeira senhora. As coisas que algumas mulheres usam nestes tempos...

99

Enquanto a mãe prosseguia o monólogo, Sarah imaginou-se a desligar o telefone, mas, em vez disso, começou a ler a correspondência. Facturas, diversos anúncios, um impresso para requisição de um cartão Visa. Entretida nessa tarefa, nem reparou que a mãe tinha parado de falar e estava, segundo parecia, a aguardar uma resposta.

- Sim, mamã - respondeu automaticamente.
- Tu estás a ouvir-me?
- É claro que estou a ouvi-la.
- Vais, então, passar por cá?

Pensei que estávamos a falar do que eu devia levar vestido...

Sarah lutava para tentar lembrar-se do que a mãe tinha estado a dizer.

- Está a dizer-me para o levar aí? - acabou por perguntar.
- Tenho a certeza de que o teu pai gostaria de o conhecer.
- Bem... Não sei se vamos ter tempo para isso.
- Mas acabaste de me dizer que ainda não tinham decidido o que vão fazer.
- Veremos, mamã. Mas não faça quaisquer planos especiais, porque não posso

dar-lhe a certeza.

Houve uma longa pausa na outra ponta da linha. - Ó, que pena - disse a mãe. - Então, tentando outra tática: - Só estava a pensar na possibilidade de nos cumprimentarmos.

Sarah recomeçou a leitura da correspondência. - Não posso dar a certeza. Como tu dizes, não quero deitar por terra quaisquer planos que ele possa ter feito. Percebes isso, não percebes?

- Acho que sim - respondeu, obviamente desapontada. Mas mesmo que não consigas passar por cá, telefona-me para contares como é que correu, está bem?
- Fique descansada, mamã, Eu telefono.
- E desejo que te divirtas.
- Vou divertir-me.
- Mas não demasiado...

- Já percebi - disse Sarah, a evitar o resto da frase. Quer dizer, trata-se da vossa primeira saída... Já percebi repetiu, desta vez com voz mais firme.

- Pois... está bem, então.

100

Parecia quase aliviada. - Penso que vou desligar. A menos que haja qualquer outra coisa de que queiras falar.

- Não, penso que já falámos de tudo.

De qualquer maneira, mesmo depois disto, a conversa ainda se prolongou por mais dez minutos.

Nessa mesma noite, mais tarde, depois de Jonah já estar a dormir, Miles pôs um velho vídeo no gravador e recostou-se, ficando a ver Missy e Jonah a reboarem-se numa praia próxima de Fort Macon. Jonah era ainda um bebé, não teria mais de 3 anos, e parecia gostar sobremaneira de fazer os seus camiões percorrerem as estradas temporárias que Missy ia alisando com as mãos. Missy tinha 26 anos: no seu biquíni azul, parecia-se mais com uma estudante universitária do que com a mãe que era.

No filme, fazia gestos para que Miles pousasse a câmara e fosse brincar com eles, mas, segundo recordava, nessa manhã sentira-se mais interessado em ser um simples observador. Gostava de os ver juntos; gostava da sensação de estar a ver, sabendo que Missy amava Jonah de uma maneira que ele nunca tinha experimentado. Os seus pais não lhe tinham proporcionado muito afecto. Não eram maus, mas não se sentiam à vontade para expressarem emoções, mesmo em relação ao filho. E, com a mãe morta e o pai sempre a viajar, sentia que nunca os tinha conhecido totalmente. Por vezes, punha-se a imaginar o que lhe poderia ter acontecido se Missy não tivesse entrado na sua vida.

Missy começou a abrir uma cova, servindo-se de uma pequena pá de plástico, a pouca distância da linha de água, mas depois resolveu usar as mãos para acelerar o processo. De joelhos, era da mesma altura de Jonah e quando este viu o que a mãe estava a fazer, deixou-se ficar ao lado dela, mexendo-se e apontando com o dedo, como um arquitecto nas primeiras fases de uma construção. Missy sorria e falava com ele - contudo, o som era abafado pelo rebrantar infundável das ondas - e Miles não conseguia perceber o que diziam um para o outro. À medida que ela ia cavando mais fundo, a areia saía da cova em torrões; passado

algum tempo, fez um gesto para Jonah se meter no buraco. Cabia lá dentro, com os joelhos dobrados para o peito, mas não sobrava nenhum espaço e

101

Missy começou a amontoar a areia e a alisá-la, de forma a cobrir o corpinho de Jonah. Dentro de minutos estava coberto até ao pescoço; uma tartaruga de areia com a cabeça de um rapazinho a espreitar por uma ponta.

Missy acrescentou mais areia aqui e ali, cobrindo-lhe os braços e os dedos. Jonah mexia os dedos, provocando o deslizamento de alguma areia e Missy tentava de novo. Quando ela se preparava para colocar as últimas mãos-cheias de areia no seu lugar, o filho voltou a fazer o mesmo e Missy desatou a rir. Colocou-lhe um monte de areia húmida na cabeça e ele deixou de se mexer. Baixou-se e beijou-o, e Miles viu os lábios do filho mexerem-se para dizerem as palavras: - Adoro-te, mamã.

- Também te adoro - respondeu ela. - Sabendo que Jonah iria ficar sossegado durante uns minutos, Missy voltou a atenção para Miles.

O marido disse-lhe qualquer coisa e ela voltou a sorrir, mas as palavras também se perderam no marulhar das ondas. Ao alcance da vista, por detrás dos ombros dela, havia poucas pessoas. Ainda estavam em Maio, uma semana antes de se dar a grande invasão dos banhistas, além de ser um dia de semana, se bem se lembrava, Missy olhou à sua volta e levantou-se. Pôs uma mão na anca, a outra por detrás da cabeça, olhando-o com os olhos semicerrados. numa pose provocante e sensual. Depois, abandonou a pose, riu-se de novo, como que envergonhada, e dirigiu-se para ele. Beijou as lentes da câmara.

A fita acabava ali.

Para Miles, estes vídeos eram verdadeiras preciosidades. Guardava-os dentro de um cofre à prova de fogo, que tinha comprado depois do funeral; já os tinha visto dúzias de vezes. Missy ganhava uma nova vida; podia vê-la a mexer-se, podia ouvir o som da sua voz. Podia ouvir novamente o riso dela.

Jonah nunca tinha visto os vídeos. Miles até duvidava de que ela soubesse da existência deles, pois era demasiado pequeno quando a maioria fora feita. Tinha deixado de filmar logo depois da morte de Missy, pela mesma razão que o levava a não fazer outras coisas. O esforço era demasiado. Não queria recordar-se de nada do que se tinha passado no período que se seguira à morte da mulher.

Não sabia o que o tinha levado a querer ver os vídeos naquele serão. Talvez o desejo fosse provocado pelos comentários que Jonah fizera antes de ir para a cama, ou podia estar relacionado com a possibilidade de o dia seguinte trazer algo de novo para a sua vida, algo que se tinha convencido de que não voltaria a acontecer. Qualquer que fosse a evolução do relacionamento com Sarah, as coisas estavam a mudar. Ele estava a mudar.

Mas, por que é que tudo lhe parecia tão assustador?

A resposta parecia ser-lhe dada pelo tremeluzir do ecrã do televisor.

Parecia haver ali uma voz a dizer-lhe que a verdadeira causa era o desconhecimento do que, de facto, se tinha passado com Missy.

O funeral de Missy Ryan realizou-se numa manhã de quarta-feira, na igreja episcopal situada no centro de Nem Bern. A igreja tinha quase 500 lugares sentados, mas os bancos não foram suficientes. Havia muitas pessoas de pé e outras aglomeradas junto das entradas, prestando a sua homenagem do lugar que puderam encontrar.

Recordo-me de que tinha começado a chover nessa manhã. Não era uma chuva grossa, mas era certa, uma chuva típica do final do Verão, que arrefece a terra e deixa tudo húmido. A névoa flutuava logo acima do solo, etérea e fantasmagórica; nas ruas formavam-se pequenas podas. Fiquei a ver o cortejo de chapéus-de-chuva pretos, empunhados por pessoas vestidas de luto, a mover-se lentamente, como se os acompanhantes caminhassem em cima da neve.

Vi Miles Ryan, sentado, hirto, na fila da frente da igreja. Estava a segurar a mão do filho. Na altura, Jonah tinha apenas 5 anos, idade suficiente para perceber que a mãe tinha morrido, mas não para compreender que não voltaria a vê-la. Parecia mais confuso do que triste. O pai estava sentado, pálido e de lábios cerrados, enquanto as pessoas, uma após outra, se aproximavam para lhe apertarem a mão ou lhe darem um abraço. Embora mostrasse

alguma dificuldade em encarar as pessoas de frente, nunca chorou nem tremeu. Voltei as costas e abri caminho para o fundo da igreja. Não lhe disse nada.

Fiquei sentado na última fila e nunca mais esquecerei o cheiro, aquela mistura de odores da madeira velha e das velas a arder. Perto do altar, alguém tocava uma guitarra, muito baixo. Perto de mim sentou-se uma senhora, seguida pouco depois pelo marido. Trazia um maio de lemos de papel, que usava para limpar os cantos dos olhos. O marido colocara a mão

104

no joelho dela e mantinha os lábios cerrados, formando uma linha estreita. Ao contrário do que sucedia à entrada, havia silêncio dentro da igreja, só se ouvia o choro abafado dos presentes. Ninguém dizia nada; parecia que ninguém sabia o que dizer.

Foi então que senti ânsias de vomitar.

Tentei lutar contra a náusea, sentindo as gotas de suor a escorrerem-me da testa. Senti as mãos frias, húmidas e inúteis. Não queria estar ali. Não tinha querido vir. Mais do que tudo, queria levantar-me e sair.

Fiquei.

Uma vez começada a cerimónia senti enormes dificuldades para me concentrar. Se agora me perguntassem o que o reverendo ou o irmão de Missy disseram no elogio fúnebre, não saberia responder. Todavia, consigo lembrar-me de que as palavras não me serviram de conforto. Não conseguia deixar de pensar que Missy Ryan não devia estar morta.

Depois da cerimónia religiosa formou-se um longo cortejo até ao cemitério de Cedar Grove; foi acompanhado por um grupo que presumi constituído por todos os xerifes e agentes de autoridade do distrito. Esperei até que a maioria das pessoas arrancasse. Finalmente, meti-me na fila, seguindo quase colado ao carro que me precedia. Os faróis foram ligados. Como um autómato, também liguei os meus.

A chuva tornou-se mais forte durante o trajecto. Os limpa pára-brisas não tinham descanso.

O cemitério ficava apenas a alguns minutos de distância. As pessoas arrumaram os carros, abriram os chapéus-de-chuva, tornaram a saltar por cima das poças de água, convergiram de todas as direcções. Segui-as cegamente e fiquei quase no fim do grupo que se aglomerou à volta da sepultura. voltei a ver Miles e Jonah; estavam de cabe-a baixa, a

deixaram-se ensopar pela chuva. Os coveiros colocaram o caixão na cova, que ficou rodeada de centenas de ramos de flores.

Voltei a pensar que não queria estar ali. Não deveria ter vindo. Eu não pertencia ali.

Mas tinha vindo.

Sentira-me forçado, não tivera escolha. Tinha de ver Miles, tinha de ver Jonah.

Já então, sabia que as nossas vidas estariam interligadas para sempre.

Tinha de estar ali, percebem?

Afinal, eu era a pessoa que conduzia aquele automóvel.

105

11

Sexta-feira trouxe o primeiro ar fresco, típico do Outono. De

manhã, não havia pedaço de relva que não estivesse coberto de uma fina camada de geada; as pessoas viam a própria respiração a condensar-se, logo que lhes saía da boca, antes de se meterem nos carros para irem trabalhar. Os carvalhos, os abrunheiros e as magnólias ainda não tinham iniciado a mudança de cor para o vermelho e o alaranjado, e Sarah observava a luz do sol que se filtrava através das ramagens, desenhando sombras no pavimento.

Miles devia estar a chegar e ela tinha andado todo o dia a pensar neste encontro. Graças às três mensagens registadas no atendedor de chamadas, sabia que a mãe também tinha pensado nele - de forma um pouco exagerada, na opinião de Sarah. A mãe falou, falou, não deixando - pensava Sarah - de se referir a nenhum dos aspectos do caso. «Quanto a esta noite, não te esqueças de levar um casaco. Não precisas de te arriscares a apanhar uma pneumonia.

Com este frio, é o mais certo, como sabes», começava uma, e a partir daí vinha a oferta de todos os tipos de conselhos úteis: como evitar uma maquilhagem demasiado carregada ou o uso de jóias de fantasia, «para ele não tirar conclusões erradas», assegurar-se de que as meias que levasse não tivessem quaisquer costuras («Não há

nada que dê pior aspecto, como sabes»). A segunda mensagem começava por se referir à primeira e parecia um pouco mais frenética, como se a mãe sentisse que lhe escasseava o tempo para transmitir à filha a experiência da vida que tinha acumulado ao longo dos anos. «Quando disse casaco, queria dizer uma coisa com

106

classe. Algo ligeiro. Sei que podes constipar-te mas também tens de parecer elegante. E, por amor de Deus, vê se não escolhes aquele casaco comprido, o verde, de que tanto gostas. Pode ser quente, mas é feio como o pecado.» Quando ouviu a voz da mãe na terceira mensagem, agora verdadeiramente frenética, a descrever a importância de ler o jornal do dia «de modo a poderes iniciar uma conversa», Sarah limitou-se a carregar no botão de «apagar», sem se dar ao cuidado de ouvir o resto.

Precisava de se preparar para sair.

Uma hora depois, por detrás das cortinas da janela, Sarah viu Miles a dobrar a esquina, transportando uma enorme caixa debaixo do braço. Parou por momentos, como se procurasse certificar-se de que estava no local certo, e desapareceu pela porta principal. Ao ouvi-lo subir as escadas, alisou o vestido comprido, preto, que tinha escolhido depois de uma luta terrível consigo mesma acerca do que devia vestir, e abriu a porta.

Recebeu-o com um sorriso. - Que pontualidade. Mesmo na hora. Vi-o aparecer à esquina.

Miles inspirou profundamente, para dizer: - Está linda.

- Obrigada. - Apontou para a caixa. - Isso é para mim?

Ele acenou que sim e entregou-lhe a caixa. Continha seis rosas amarelas.

- Uma para cada semana, desde que começou a prestar ajuda ao Jonah.

- Que simpatia - respondeu com sinceridade. - A mamã ficará impressionada.

- A sua mãe?

Ela sorriu. - Depois falo-lhe dela. Entre que eu vou à procura de qualquer coisa para as pôr em água.

Miles entrou e fez uma avaliação rápida do apartamento. Era um encanto - mais pequeno do que julgara, mas surpreendentemente acolhedor, com a maior parte da mobília a enquadrar-se de forma perfeita com a casa. Havia um sofá de aspecto confortável, com estrutura de madeira, mesinhas com cores que pareciam esbatidas de propósito, uma cadeira

de baloiço, colocada a um canto, debaixo f de um candeeiro que parecia ter mais de cem anos de idade - e até

r

107

a cobertura de retalhos das costas da cadeira parecia uma obra vinda do século XIX.

Na cozinha, Sarah abriu o armário por cima do lava-loiça, afastou uns tachos e agarrou uma pequena jarra de cristal, que encheu de água.

- Tem aqui uma bela casa - comentou ele.

Sarah levantou os olhos. - Obrigada. Gosto dela.

- Foi decorada por si?

- Praticamente. Trouxe algumas coisas de Baltimore, mas depois de visitar todas as lojas de antiguidades decidi substituir a maioria delas. Há lojas magníficas por estas bandas.

Miles passou a mão por uma velha mesa de encolher colocada perto da janela, afastou a cortina e olhou para fora. - Gosta de morar aqui no centro da cidade?

Sarah tirou a tesoura de uma das gavetas e começou a acertar os pés das rosas. - Gosto, mas deixe que lhe diga, o movimento por aqui não me deixa descansar o suficiente. Toda esta gente, as pessoas que gritam e zaragateiam, a festejarem até de manhã. Só o facto de conseguir adormecer já é espantoso.

- Muito sossegado, portanto.

Colocou as flores na jarra, uma por uma. - De todos os sítios em que vivi, este é o primeiro em que as pessoas parecem ir para a cama antes das 9 horas. Logo que o Sol se põe, isto aqui parece uma cidade fantasma, mas quero crer que isso facilita bastante o seu trabalho, ou não?

- Para lhe ser franco, não me afecta verdadeiramente. Com excepção das ordens de despejo, a minha jurisdição termina nos limites da cidade. Geralmente trabalho nos arrabaldes, no campo.

- A olhar para esses equipamentos de controlo de velocidade que tornaram o Sul famoso? - perguntou alegremente.

Miles abanou a cabeça. - Não, isso também não é comigo. É com a brigada de trânsito.

Portanto, se está a dizer-me que não tem assim muito que fazer, então...

- Exactamente - concordou. - Tirando o ensino, não consigo imaginar uma profissão menos estimulante.

Ela riu-se e colocou a jarra no centro da bancada. - São encantadoras. Obrigada.

108

Deu uns passos e apanhou a bolsa. - Então, onde é que vamos?

- Mesmo ao virar da esquina. À Harvey Mansion. A propósito, está fresco lá fora, não será má ideia trazer um casaco - aconselhou-a, a olhar para o vestido sem mangas.

Sarah dirigiu-se ao guarda-fatos, a recordar as palavras da mãe na mensagem, desejando não a ter ouvido. Odiava estar constipada e era uma dessas pessoas que se constipam com facilidade. Mas, em vez do «casaco comprido, o verde», que a manteria quente, pegou num casaco leve que combinava com o vestido, uma escolha que faria a mãe evidenciar sinais de aprovação. Com classe. Quando o pôs pelas costas, Miles ficou a olhá-la, parecendo querer dizer qualquer coisa, mas sem saber como.

- Algum problema? - perguntou, enquanto acabava de o vestir.

- Bem... lá fora está frio. Tem a certeza de que não quer levar uma coisa mais quente?

- Não se importa?

- Por que havia de me importar?

Mudou de casaco alegremente (trocou-o pelo casaco comprido, o verde), e Miles ajudou-a a vesti-lo, mantendo as mangas abertas para ela enfiar os braços. Em seguida, depois de fecharem a porta, começaram a descer a escada. Logo que chegou à rua, Sarah sentiu a mordedura do frio nas faces e, quase por instinto, enfiou as mãos nas algibeiras.

- Não acha que o frio é demasiado para o outro casaco?

- Sem dúvida - respondeu com expressão de agradecimento. - Mas não está de acordo com o vestido.

- Prefiro sentir-me confortável. E, além disso, este fica-lhe bem.

Adorou-o por ter dito aquilo. Fica-te com esta, mamã!

Começaram a descer a rua e, uns degraus mais abaixo - para surpresa dela própria e de Miles -, tirou a mão da algibeira e agarrou-lhe o braço.

- Ora bem - disse -, vamos lá falar da minha mãe.

Minutos depois, já sentados à mesa, Miles não conseguiu conter uma gargalhada. - Deve ser uma maravilha.

- Para si é fácil dizer isso. Não é a sua mãe.

- Trata-se apenas da maneira de ela lhe dizer quanto a ama.

109

- Eu sei. Mas seria mais fácil se ela não estivesse sempre tão preocupada. Por vezes, chego a pensar que faz de propósito, que me quer pôr maluca.

Apesar de exasperada, pensou Miles, à luz vacilante das velas, Sarah estava positivamente deslumbrante.

A Harvey Mansion era um dos melhores restaurantes da cidade. Construída para habitação, durante a década de 1790, tornou-se um refúgio romântico muito popular. Quando estava a ser reconstruída para servir a sua função actual, os proprietários decidiram mexer o menos possível no plano original de divisão da casa. Miles e Sarah foram conduzidos por uma escada em curva e instalados numa sala que antes fora a biblioteca. Com iluminação escassa, era uma sala de dimensão média, com soalho de carvalho avermelhado e tecto com figuras de desenho complicado, em estanho. Duas das paredes estavam escondidas por estantes de mogno, repletas de livros; na terceira parede, a lareira acesa derramava uma brilho etéreo. Sarah e Miles foram levados para a mesa colocada no canto, junto da janela. Só havia mais cinco mesas e as conversas murmuradas mal se faziam ouvir, apesar de estarem todas ocupadas.

- Talvez tenha razão - disse Miles. - É provável que a sua mãe aproveite as insónias para pensar novas maneiras de a atormentar.

- Pensei tê-lo ouvido dizer que não a conhecia.

Miles riu-se à socapa. - Bom, pelo menos está perto de si. Como lhe disse no dia em que nos conhecemos, já quase nunca falo com o meu pai.

- Onde é que ele está agora?

- Não faço ideia. Há uns meses, recebi um postal enviado de Charleston, mas nada me leva a pensar que ainda lá esteja. É raro ficar tanto tempo no mesmo sítio, não telefona e raramente vem aqui. Há anos que não me vê; nem a mim nem ao Jonah.

- Não consigo imaginar uma coisa dessas.

- Cada qual é como é, embora ele não fosse exactamente assim quando eu era pequeno. Metade do tempo eu pensava que ele não gostava de nos ver por perto.

Nós?

- Eu e a minha mãe.

- Ele não a amava?

110

- Não faço ideia.

- Ora, deixe-se disso...

- Estou a falar a sério. Estava grávida quando se casaram e, honestamente, não consigo imaginar o que eles significavam um para o outro. As relações entre eles passavam por alternâncias de quente e frio; um dia estavam loucamente apaixonados, no dia seguinte ela podia atirar-lhe com as roupas para o relvado da frente e gritar-lhe que nunca mais voltasse. Depois, quando a minha mãe morreu, pôs-se a andar o mais depressa que pôde. Deixou o emprego, vendeu a casa, comprou um barco e disse que ia viajar pelo mundo. Não tinha quaisquer conhecimentos de navegação. Disse que iria aprendendo pelo caminho, consoante as necessidades. E penso que o conseguiu.

Sarah franziu a testa. - É bastante estranho.

- Para ele não é. Para ser franco, não fiquei nada surpreendido, mas quanto a si teria de o conhecer para perceber de que é que eu estou a falar.

Abanou a cabeça ligeiramente, como que enjoado.

- A sua mãe morreu de quê? - perguntou com voz simpática.

Ficou com uma expressão estranha, de rosto fechado, e Sarah arrependeu-se imediatamente de ter perguntado. Inclinou-se para diante. - Desculpe, fui muito grosseira. Não deveria ter perguntado.

Miles respondeu calmamente: - Não tem importância. Não me incomoda. Já aconteceu há tanto tempo, agora não me afecta falar disso. É que já não toco nesse assunto há muitos anos. Nem me lembro de quando foi a última vez que me perguntaram alguma coisa sobre a morte da minha mãe.

Ficou a tamborilar com os dedos na mesa, de ar ausente, um pouco mais hirto do que antes. Falou com um ar natural, quase como se estivesse a referir-se a alguém que não conhecia. Sarah reconheceu o tom: era o mesmo que agora usava para falar de Michael.

- A mamã começou a sentir dores de estômago. Por vezes, tinha de passar noites sem dormir por causa das dores. Julgo que, no íntimo, ela sabia que tinha uma doença grave,

mas quando se decidiu a ir ao médico o cancro já se tinha expandido para o pâncreas e para o fígado. Já não havia nada a fazer. Morreu menos de três semanas depois.

111

- Lamento muito - disse Sarah, sem saber o mais poderia dizer. - Também eu. Acho que você poderia vir a gostar dela.

- Certamente.

Foram interrompidos pelo criado, que se aproximara da mesa para tomar nota das bebidas que queriam. Como se estivessem combinados, Sarah e Miles pegaram nas ementas e deram-lhes uma rápida vista de olhos.

- Muito bem, o que é bom aqui?

- Tudo. De verdade.

- Nenhuma recomendação especial?

- Provavelmente mando vir um bife qualquer.

- Como é que não fico surpreendida?

Ele levantou os olhos da lista. - Tem algum preconceito contra os bifés?

- Nada. Não me pareceu o género de pessoa que come comidas exóticas, como tofu com salada.

Fechou a ementa. - Pelo meu lado, há a necessidade de manter esta minha figura de rapariga.

Então, vai mandar vir o quê?

Sorriu. - Um bife.

Miles fechou a ementa e pô-la junto à borda da mesa. - Ora bem, agora que passámos a minha vida em revista, que tal dizer-me qualquer coisa sobre a sua? Em que género de família é que foi criada?

Sarah colocou a ementa em cima da dele.

- Ao contrário dos seus, os meus pais eram pessoas estáveis. Vivíamos numa zona residencial, logo à saída de Baltimore, e a casa era normal: quatro quartos, duas casas de banho, um alpendre, um jardim com flores e uma cerca de madeira pintada de branco. Ia para a escola de autocarro, juntamente com miúdos da vizinhança e tinha a maior colecção de Barbier de toda aquela comunidade. O meu pai trabalhava das 9 às 5 e ia para o emprego sempre de fato completo. A mamã ficava em casa e nem me lembro de a ver sem o avental. E na nossa casa cheirava sempre a pastelaria acabada de sair do forno. Todos os dias a mamã

fazia bolos para mim e para o meu irmão; eram comidos na cozinha, enquanto recitávamos o que tínhamos aprendido durante o dia.

- Parece-me justo.

112

- Era. Quando éramos pequenos a minha mãe era fantástica. Era o género de mãe para quem os outros miúdos correm quando se magoam ou se metem em sarilhos de qualquer tipo. Só depois de crescermos é que começou a ficar neurótica a meu respeito.

Miles ergueu as sobrancelhas. - Será que ela mudou, ou teria sido sempre neurótica e você era demasiado pequena para o notar?

- Parece a Sylvia a falar.

- Quem é a Sylvia?

- Uma amiga - disse, de forma evasiva -, uma boa amiga.

Se notou a hesitação, Miles não deu mostras disso.

As bebidas chegaram e o criado tomou nota do que iam comer. Logo que ele se afastou, Miles inclinou-se para diante, aproximando a cara da dela.

- Como é o seu irmão?

- Brian? É um rapazinho fantástico. Juro que tem mais maturidade do que a maioria das pessoas com quem lido. Mas é tímido e tem pouco jeito para se relacionar com pessoas. Revela uma certa tendência para a introspecção, mas quando nos juntamos entendemo-nos bem; sempre nos entendemos. Ele é um dos responsáveis pela minha vinda para aqui. Queria que passássemos algum tempo juntos antes de ele ir para a universidade. É caloiro na Universidade da Carolina do Norte.

Miles fez um aceno de cabeça. - Então, ele é muito mais novo do que você - disse, deixando Sarah a olhar para ele.

- Não muito mais novo.

- Bem... o suficiente. Você tem quantos, 40, 45? - indagou, repetindo o que ela lhe disse quando se conheceram. - Ela soltou uma gargalhada.

- Uma rapariga tem de ter muito cuidado consigo.

- Aposto que diz o mesmo a todos os tipos com quem sai.

- Na realidade, estou destreinada - respondeu. - Não tenho saído muitas vezes desde que me divorciei.

Miles pousou o copo. - Está a gozar, não está?

- Não.
- Uma rapariga assim? Tenho a certeza de que tem recebido inúmeras propostas.